



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**MINEIRATZEN:
UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO JORNAL O GLOBO
SOBRE O JOGO ALEMANHA 7X1 BRASIL**

FÁTIMA CRESPO CORRÊA

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**MINEIRATZEN:
UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO JORNAL O GLOBO
SOBRE O JOGO ALEMANHA 7X1 BRASIL**

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

FÁTIMA CRESPO CORRÊA

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Júnior

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Mineiraten: uma análise da cobertura do jornal O Globo sobre o jogo Alemanha 7x1 Brasil**, elaborada por Fátima Crespo Corrêa.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Júnior
Doutor em Ciência da Informação - UFRJ-ECO/IBICT

Prof. Dr. Paulo César Castro de Souza
Doutor em Comunicação e Cultura - UFRJ

Prof. Dr^a Gabriela Nóra Pacheco Latini
Doutora em Comunicação e Cultura - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

CORRÊA, Fátima Crespo.

Mineiraten: uma análise da cobertura do jornal O Globo sobre o jogo Alemanha 7x1 Brasil. Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Júnior

A minha família, que esteve ao meu lado durante toda essa jornada e a quem devo tudo na vida.

AGRADECIMENTOS

A minha família, que esteve ao meu lado em toda a vida e principalmente durante este período.

A minha mãe Isabel, que foi minha revisora oficial e me deu todo o suporte neste trabalho. Ao meu pai, Marcelo, que despertou em mim o amor pelo futebol e pelo Fluminense. Ao meu irmão, Pedro, em quem me espelho e que me motiva a ser melhor. Muito obrigada! Eu amo vocês!

Ao meu namorado, Matheus, que me salvou em momentos de desesperos com o Word e compartilhou desses dias complicados. Você foi o melhor presente que a ECO me trouxe! Eu te amo!

Aos “Oliveiras”, Ana Cláudia, Luiz Paulo, Luiza, Lucas, Pedro e João, meus parentes emprestados, que estiveram comigo e alegraram meus dias durante esses quatros anos de faculdade. Amo vocês! Obrigada!

E principalmente ao meu orientador, Fernando, que aceitou o desafio aos “45 do segundo tempo” e me auxiliou em todas as etapas! Você foi o melhor orientador que eu poderia desejar! Muito obrigada!

CORRÊA, Fátima Crespo. Mineiraten: uma análise da cobertura do jornal O Globo sobre o jogo Alemanha 7x1 Brasil. Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerthon Fernandez Júnior. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho trata da análise da cobertura feita pelo jornal O Globo após a derrota da Seleção Brasileira para a Alemanha, por 7 a 1, na semifinal da Copa do Mundo de 2014. Procura-se fazer uma investigação quantitativa, revelando quais foram os assuntos mais abordados, e qualitativa, evidenciando a forma como tais temas foram tratados. Com o objetivo de identificar a linha editorial adotada pelo jornal no período que antecedeu a partida decisiva, a pesquisa passou por todas as edições publicadas entre a classificação do Brasil contra a Colômbia e a eliminação para a Alemanha. O projeto inclui também uma reflexão histórica sobre a cobertura da imprensa na Copa de 50, a primeira realizada no Brasil, indicando as semelhanças e diferenças em relação ao que foi feito por O Globo no Mundial de 2014.

Palavras-chave: O Globo; Seleção Brasileira; Alemanha; Futebol; Copa do Mundo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Distribuição de temas da edição de 5 de julho de 2014

Figura 2: Distribuição de temas da edição de 6 de julho de 2014

Figura 3: Distribuição de temas da edição de 7 de julho de 2014

Figura 4: Distribuição de temas da edição de 8 de julho de 2014

Figura 5: Distribuição de temas da edição de 9 de julho de 2014

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Matérias da edição de 5 de julho de 2014

Quadro 2: Matérias da edição de 6 de julho de 2014

Quadro 3: Matérias da edição de 7 de julho de 2014

Quadro 4: Matérias da edição de 8 de julho de 2014

Quadro 5: Matérias da edição de 9 de julho de 2014

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. DA CHEGADA DE MILLER AO PENTA

- 2.1 – Da chegada do futebol às capas de jornais
- 2.2 – Do surgimento da Seleção à sede da Copa
- 2.3 – Da estreia à euforia
- 2.4 – Do Maracanã ao Maracanazzo
- 2.5 – Da amarelinha ao pentacampeonato

3. METODOLOGIA

4. A COBERTURA DE O GLOBO

- 4.1 - Edição I: 05/07/2014
 - 4.1.1 – Caderno de Esportes
- 4.2 - Edição II: 06/07/2014
 - 4.2.1 – Caderno de Esportes
- 4.3 - Edição III: 07/07/2014
 - 4.3.1 – Caderno de Esportes
- 4.4 – Edição IV: 08/07/2014
 - 4.4.1 – Caderno de Esportes
- 4.5 - Edição V: 09/07/2014
 - 4.5.1 – Caderno de Esportes
- 4.6 – Panorama geral da análise

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

APÊNDICE

ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

Como bem disse Arrigo Sacchi, técnico vice-campeão mundial pela seleção italiana na Copa de 94, “*il calcio è la cosa più importante delle cose non importanti*”. Ou seja: o futebol é a coisa mais importante dentre as coisas menos importantes. No Brasil, principalmente, o futebol não é apenas um esporte, mas se tornou elemento fundamental de identidade nacional. Diante da oportunidade de sediar a Copa do Mundo pela segunda vez, era esperado que a cobertura da imprensa brasileira fosse massiva, mas esse Mundial ofereceu muito mais do que se podia imaginar.

Apontada por muitos como uma das principais explicações que levam ao encanto do ser humano pelo futebol, a imprevisibilidade foi uma das características mais marcantes da competição neste ano. Jogos decididos nos acréscimos, prorrogações, disputa de pênaltis, seleções consideradas fortes que não passaram sequer da primeira fase e zebras, muitas zebras. O capítulo mais extraordinário, no entanto, foi o 7 a 1, entre Brasil e Alemanha. Não se espera, de maneira nenhuma, um placar desses em uma Copa, principalmente em uma semifinal entre duas equipes tradicionais.

É evidente a dificuldade de lidar com um resultado tão incrível e inesperado, mas qualquer leitor com um olhar um pouco mais atento poderia notar uma diferença na linha de cobertura de O Globo na edição após a partida em relação à apresentada dos dias anteriores. Diante dessa inquietação ainda incipiente, ficou claro que o episódio era passível de estudo e verificação.

O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise quantitativa e qualitativa das edições do jornal O Globo entre a classificação do Brasil contra a Colômbia e a goleada de 7 a 1 para a Alemanha. A ideia era de pesquisar quais os temas mais tratados durante esse período e entender de que forma eles foram abordados pela publicação, de modo a responder como o jornal tratou a derrota histórica e se houve coerência ou a linha editorial sofreu mudanças de acordo com os acontecimentos.

O período escolhido para a realização da pesquisa foram os dias 5, 6, 7, 8 e 9 de julho de 2014, datas entre a vitória do Brasil sobre a Colômbia por 2 a 1, que levou a Seleção à semifinal, e a acachapante derrota para a Alemanha, que acabou com as chances de título brasileiro e se tornou a maior derrota da história centenária da Seleção.

Desta forma, pretende-se traçar uma trajetória da cobertura de O Globo e revelar mudanças, ou não, nos temas mais tratados, linha editorial e abordagem escolhida

Um dos objetivos desta pesquisa foi mostrar até que ponto o foco em Neymar impediu que outros assuntos fossem mais explorados, como a Alemanha, próxima adversária do Brasil. Procurou-se estudar a expectativa do jornal para a partida, a variedade de seu conteúdo e principalmente se ele cumpriu o papel jornalístico de levar informação diversa, multifacetada e de qualidade para os leitores.

Como já dito, o futebol alcançou status significativo no Brasil e se tornou um dos principais assuntos nos jornais. Mobilizador de paixões e massas, o esporte ainda conquistou relevância econômica e política. O objetivo deste trabalho está justamente em lançar um olhar crítico sobre a cobertura midiática do futebol em um momento extremamente singular. A Copa do Mundo é uma competição de dimensões gigantescas, que move milhões de dólares, pessoas e mobiliza o mundo inteiro, principalmente o país sede. Portanto, é oportuno investigar o tratamento dado pelos jornais a um assunto tão significativo.

O capítulo “Da chegada de Miller ao Penta” dedica-se a contar como aconteceu o processo de popularização do futebol no Brasil. A primeira parte descreve a chegada do esporte no país, trazido por Charles Miller, e como ele passou de algo desconhecido para as capas de jornais. Baseada no livro *Os Donos do Espetáculo*, de André Ribeiro, esta etapa do trabalho trata também do surgimento da Seleção e a Copa do Mundo de 1950, a primeira em solo brasileiro, com foco na cobertura da imprensa desde a estreia, passando pela euforia, até a decepção do Maracanazo. O capítulo traz ainda a volta por cima da Seleção e narra a história da conquista dos cinco títulos mundiais, que levaram o Brasil a se tornar o maior campeão da história das Copas.

O terceiro capítulo detalha a escolha do material analisado e a metodologia empregada na pesquisa. Nesta etapa do trabalho é explicado como e por quais motivos optou-se por esse período e porque O Globo foi escolhido, e não outro jornal. Também esclarece-se a divisão de matérias por dia e a eleição dos temas principais. Aborda-se também o método de análise de conteúdo de Laurence Bardin, utilizado no estudo, que propõe uma análise quantitativa aliada de uma percepção qualitativa a partir de inferências do pesquisador.

A análise detalhada das capas e das edições do Caderno de Esportes estudadas é feita no quarto capítulo. Para melhor organização, esta parte foi dividida em cinco subcapítulos, cada um deles referente a um dia. Apesar de cada edição ser explorada individualmente, a todo momento são feitas referências a publicações antecedentes e posteriores, apresentando comparações e paralelos, em busca de uma visão ampla, mas completa e profunda. Deste modo, é traçada uma trajetória da cobertura de O Globo no período anterior ao jogo entre Brasil e Alemanha até a edição subsequente à partida, apontando quais foram os principais assuntos apresentados, a forma como foram tratados e se houve alguma mudança significativa na postura do jornal nesse período.

Por fim, o capítulo das considerações finais faz uma comparação entre a cobertura da imprensa na Copa de 1950, a primeira no Brasil, e a cobertura de O Globo em 2014. A partir da análise feita previamente, busca-se aferir e entender um pouco melhor o que levou o jornal a exibir alguns assuntos mais do que outros e de que forma o tratamento dado às notícias após o 7 a 1 pode interferir no futuro da imprensa esportiva e da Seleção Brasileira.

2. DA CHEGADA DE MILLER AO PENTA

2.1 – Da chegada do futebol às capas de jornais

Quando Charles Miller desembarcou no Porto de Santos, litoral de São Paulo, em fevereiro 1894, ele não fazia ideia de que se tornaria um personagem importante na história brasileira. Durante os 10 anos estudando em Southampton, na Inglaterra, Miller conheceu e se apaixonou pelo *football*, um esporte que surgiu em clubes e colégios de classe média do país no princípio do século XIX. Na viagem de volta, o jovem trouxe na mala um par de chuteiras, duas bolas e um livro de regras, o suficiente para começar a disseminar o esporte em sua terra natal.

Inicialmente, o futebol era restrito às elites e representava certo status, sendo limitado a pequenos grupos. Foi num desses grupos que Miller conheceu Mário Cardim, um jovem de 18 anos que era repórter do jornal O Estado de São Paulo e acabou se tornando o precursor da imprensa esportiva no Brasil. Os dois ficaram muito próximos e, junto com outros amigos, começaram a pensar no futebol como uma prática que necessitava de organização.

Para validar esse processo de crescimento, era importante que o futebol fosse divulgado pela imprensa, que ainda não dedicava nenhum espaço para o assunto. Os jornais estavam mais preocupados com o crescimento da cidade e a chegada de indústrias, o esporte não interessava. No entanto, Mário Cardim era o aliado ideal e a única esperança de mudar esse panorama.

Aproveitando-se do interesse da população, que crescia a cada dia, Cardim tinha a missão de convencer os jornais a divulgarem matérias sobre o futebol. Ele conseguiu, mas, no início, as notícias eram curtas, só com os dados dos jogos e sem muitos detalhes. Apenas no Estado de São Paulo as matérias eram maiores, obviamente por conta da influência do repórter.

A informação, quando divulgada, tinha de ser feita de maneira objetiva, sem detalhes; bastava dizer qual jogo, local e resultado, até porque os jornais desse período eram muito pequenos, com quatro ou cinco páginas, no máximo. O jogo em si não era importante (RIBEIRO, 2007, p. 25).

Mas era questão de tempo para o futebol tomar conta das páginas dos jornais. Times e ligas surgiam, o público aumentava e o esporte se tornou moda. Até mesmo nas áreas mais pobres o futebol já conquistava fãs. O jogo era visto como um momento de lazer. Com o esporte difundido em todas as classes sociais, o assunto se tornava de interesse público e divulgar notícias relacionadas passou a ser obrigação para os jornais.

O esporte foi ganhando espaço, até que no dia 4 de julho de 1908 uma notícia sobre futebol foi publicada pela primeira vez na capa de um jornal. A Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, marcou a história da imprensa esportiva ao dedicar um espaço na primeira página para falar da visita de uma seleção argentina ao Brasil para a realização de seis partidas (ANEXO 01, pp. 68-69)¹. Ainda que a notícia destacasse mais a relação amistosa entre as duas nações do que os jogos em si essa foi a porta de entrada para o futebol se tornar assunto de destaque na imprensa. O futebol ganharia, de vez, o Brasil.

2.2 – Do surgimento da Seleção à sede da Copa

Com a crescente popularidade do futebol, era cada vez mais comum a realização de jogos entre países. Percebeu-se, então, a necessidade de criar uma equipe brasileira com os melhores jogadores disponíveis. A ideia se concretizou em 1914, com a Seleção Brasileira, formada por um combinado de jogadores paulistas e cariocas. A primeira partida da Seleção aconteceu no dia 21 de julho, no Estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, contra o Exeter City, da Inglaterra. A vitória brasileira por 2 a 0 era apenas o primeiro passo de uma história gloriosa que estava por vir.

Em 1930, na primeira participação do Brasil em uma “Taça do Mundo”, como era chamada a Copa, o resultado não foi o esperado e a equipe foi eliminada logo na primeira fase. Mas o contato com outros países onde o futebol já era profissional fez as discussões sobre o fim do amadorismo, que dominava até então, se intensificarem ainda mais. Muitos eram contra, mas o processo era inevitável. Alguns jogadores brasileiros, inclusive, deixaram seus clubes para jogar em outros países em busca de um salário. Foi então que, em 1933, “o governo instituiu a profissionalização do futebol, superando os limites do profissionalismo marrom que caracterizara o esporte por tantos anos” (AGOSTINO, 2002, p. 142).

¹ A Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 4 de julho de 1908.

Por conta da consolidação do futebol, agora profissional, como o esporte mais admirado pelas massas, o Brasil decidiu se candidatar a sede da Copa de 1950, que seria a primeira após a Segunda Guerra Mundial. Como os europeus estavam se reconstruindo da destruição do conflito, nenhum país do continente se interessou em se candidatar, o que tornou o Brasil concorrente único. Se para os europeus não valia a pena sediar a competição, para os brasileiros, por outro lado, era a oportunidade de alçar a nação entre as maiores potências globais. As obras grandiosas, como a construção do Maracanã, o maior estádio do mundo na época, eram elemento fundamental para mudar a visão internacional sobre o Brasil.

Segundo a historiadora Lúcia Hippolito, a candidatura brasileira foi vista como ideal pela FIFA, que confirmou a escolha do país no dia 25 de julho de 1946.

A ideia do mundo novo, de um país que não tinha sido destruído pela guerra e que tinha colaborado com o restabelecimento da democracia e paz ajudou o Brasil na escolha da FIFA (apud FARRUGIA et al., 2013, p. 20).

À medida que o futebol se consolidava, o jornalismo esportivo ganhava importância e investimento. Em outubro de 1949, pela primeira vez na história, um repórter brasileiro viajou para a Europa antes da Copa para acompanhar outras seleções e conhecer mais os possíveis adversários do Brasil durante a competição.

Ser a sede do Mundial fez com que o futebol conquistasse um espaço ainda maior na imprensa brasileira. Mais do que nunca, a população queria saber sobre o esporte e também sobre a Seleção.

2.3 – Da estreia à euforia

Chegava julho de 50. Chegava a primeira Copa do Mundo ao Brasil. As 13 seleções² classificadas foram divididas em quatro grupos – dois com quatro equipes, um com três e outro com apenas duas – onde todos se enfrentavam. O melhor de cada chave garantia vaga no quadrangular final. Na última fase, os quatro melhores se enfrentavam e o que somasse mais pontos seria o campeão. O jogo Brasil x Uruguai foi, portanto,

² A Copa deveria ter contado com 16 equipes, divididas em quatro grupos de quatro países cada, mas três nações (Escócia, Turquia e Índia) desistiram da competição e nenhuma outra equipe aceitou o convite para substituí-las.

apenas a última partida do torneio e não uma “final”, como muitos dizem. Quis o destino que as duas seleções com chances de título se enfrentassem na rodada final.

O Brasil estreou no dia 24 de junho, contra o México, na primeira partida válida pela Copa do Mundo de 50. Mesmo sem o craque Zizinho, a seleção correspondeu à expectativa e venceu por 4 a 0, com gols de Ademir (2), Jair e Baltazar. Quatro dias depois, a equipe do técnico Flávio Costa enfrentou a Suíça, mas dessa vez o resultado foi decepcionante: empate por 2 a 2 e vaias no Pacaembu, em São Paulo. A imprensa carioca justificou o resultado dizendo que a culpa era da pressão da imprensa paulista, que teria influenciado o treinador a escalar jogadores dos clubes locais, não exatamente os melhores disponíveis.

Por conta dos outros resultados, o Brasil passou a ter a obrigação de vencer a Iugoslávia. Os jornais imploravam pelo apoio da torcida, pois o jogo poderia significar a eliminação da seleção. E deu certo. O Maracanã recebeu cerca de 155 mil pessoas, que assistiram à equipe brasileira vencer por 2 a 0 e garantir uma vaga no quadrangular final. Com a classificação, o patriotismo invadiu a cobertura esportiva, que já acreditava no título de campeão mundial.

Pelos outros grupos, a Espanha se classificou com três vitórias em três jogos e a Suécia com um empate e uma vitória. O Uruguai, por sua vez, precisou jogar apenas uma partida, já que seu grupo tinha somente duas equipes, mas a vitória foi maiúscula, 8 a 0 contra a Bolívia.

No primeiro jogo da fase final, o Brasil fez incríveis 7 a 1 na Suécia – placar que se tornaria traumatizante 64 anos depois –, com quatro gols de Ademir, enquanto o Uruguai apenas empatou com a Espanha por 2 a 2. Na segunda rodada, a seleção continuou avassaladora e encaçapou 6 a 1 na Espanha, que até então estava invicta na competição. O jogo ficou marcado pela torcida cantando a marchinha de carnaval *Touradas de Madri* nas arquibancadas. Com quatro pontos conquistados, a equipe canarinho precisava apenas de um empate na última partida para levantar a taça. Na outra partida da penúltima rodada, o Uruguai enfrentou a Suécia pensando apenas na vitória para continuar na disputa. O jogo foi equilibrado e a Celeste Olímpica venceu por 3 a 2, transformando o último jogo do torneio em uma verdadeira decisão.

A campanha praticamente irrepreensível, somada às goleadas na última fase, levou a um clima de “já ganhou” antecipado nos brasileiros. A euforia atingiu tanto os

torcedores quanto a imprensa, como bem destacou Nelson Rodrigues: “O já ganhou instalara-se na alma do povo. E não queríamos uma vitória apertada. O escore pequeno seria humilhante para nosso orgulho. Queríamos a goleada faraônica” (1994, p. 116).

A vitória era dada como certa, até porque os mesmos times que o Brasil havia goleado, fizeram jogos parelhos contra o Uruguai. Como conta André Ribeiro, uma empresa de cinema premiou os jogadores com entradas válidas por cinco anos, o que não seria nada demais “não fosse a frase datilografada na cortesia: ‘Aos campeões do mundo de 1950’.” (2007, p. 131). Os prêmios eram muitos. Até políticos foram à concentração da seleção, em São Januário, para oferecer dinheiro e cargos públicos aos jogadores, afinal, em caso de vitória, eles se tornariam heróis nacionais. Torcedores também apareceram no treino antes da partida para parabenizar os jogadores antecipadamente e pegar autógrafos.

A imprensa, até hoje, é considerada uma das grandes culpadas pelo fracasso em 50. A acusação é justificável, já que maioria dos jornais bancava que o Brasil seria campeão (ANEXO 02, p. 70). Uma capa em especial, do diário *O Mundo*, estampava uma fotografia dos jogadores brasileiros com o título “Estes são os campeões do mundo”. Algumas matérias destacavam até mesmo os preparativos para as comemorações pelo título.

O espaço para a seleção Uruguai era praticamente nulo. A imprensa esqueceu até mesmo que das oito derrotas do técnico Flávio Costa no comando do Brasil, quatro tinham sido para o Uruguai, que já era bicampeão olímpico e tinha uma camisa considerada “de peso”, como se diz no jargão esportivo. O *Jornal dos Sports* chegou a fazer uma reportagem falando que a Espanha lutaria pelo segundo lugar, quando, na verdade, ela só teria chances em caso de vitória do Brasil. A possibilidade de o Uruguai ganhar a partida não era considerada.

A mídia “esqueceu” até mesmo da vantagem do empate, pois a vitória era uma certeza. A postura exageradamente otimista antes do jogo pode ser explicada por uma questão comercial, já que um jornal que não fosse na onda da euforia podia sofrer um impacto nas vendas. Mas a verdade é que os profissionais de imprensa também foram movidos pela emoção e, assim como a torcida, tinham convicção no título. A confiança era justificável, afinal até então o Brasil havia feito cinco jogos, com quatro vitórias e

um empate, 21 gols marcados e apenas quatro sofridos, além de contar com o artilheiro do campeonato, Ademir, com nove bolas na rede.

2.4 – Do Maracanã ao Maracanazo

Dia 16 de julho de 1950, era chegada a hora da decisão. Apesar do público oficial da partida ser de 173.850 presentes, estima-se que cerca de 200 mil pessoas se juntaram no Maracanã para assistir Brasil x Uruguai. Esse número representava aproximadamente 10% da população da cidade do Rio de Janeiro naquela época. Além disso, calcula-se que em torno de mil jornalistas estavam presentes para cobrir o capítulo mais importante da imprensa esportiva brasileira até então. E os que não conseguiram estar no Mário Filho acompanhavam a partida por meio dos radinhos de pilha.

Antes do apito inicial, o prefeito carioca, Ângelo Mendes de Moraes, disse as seguintes palavras em seu discurso:

Vós brasileiros, a quem eu considero os vencedores do campeonato mundial; vós brasileiros que a menos de poucas horas sereis aclamados campeões por milhares de compatriotas; vós que não possuís rivais em todo o hemisfério; vós que superais qualquer outro competidor; vós que eu já saúdo como vencedores! (apud CUNHA, 2002, p.36).

O que Ângelo e nenhuma das outras milhares de pessoas no estádio ou em casa sabia, era que o capitão da seleção uruguaia, Obdúlio Varela, havia espalhado pelo hotel os jornais brasileiros – que simplesmente descartavam a equipe celeste – e usado como motivação para a partida.

Apesar do apoio e da animação dos presentes, o primeiro tempo foi morno e acabou sem gols. Logo aos dois minutos da segunda etapa, Friaça marcou a favor do Brasil e tudo parecia se encaminhar para o final feliz e esperado. O cenário começou a mudar aos 21 minutos, quando Schiaffino conseguiu empatar a partida. Apesar da decepção, o resultado ainda era suficiente para o título brasileiro. Faltavam apenas 11 minutos para o juiz soprar o apito pela última vez, quando Ghiggia marcou seu nome para sempre na história do Maracanã. O atacante avançou pela direita, invadiu a área e

chutou entre a trave e o goleiro Barbosa, 2 a 1. O Brasil, que ainda não sabia o que era ficar atrás no placar na competição, não teve forças para reagir. Quando o juiz encerrou a partida, o silêncio tomou conta do Maracanã.

A amarga derrota ficou conhecida como Maracanazzo e Ghiggia se tornou o maior carrasco da história do futebol brasileiro. Os jogadores da Seleção ficariam marcados pelo resto da vida por conta do fracasso, principalmente o goleiro Barbosa, acusado de falhar no gol que deu o título ao Uruguai. O jogador, que era negro, “foi alvo de muitos comentários de conteúdo racista” (CARRILHO, 2010, p. 50) e carregou o fardo da derrota até o dia de sua morte, em 7 de abril de 2000. Barbosa só viria a ser “absolvido” em 2014, quando a Seleção Brasileira foi derrotada pela Alemanha por 7 a 1 em casa, superando, no pior sentido possível, o revés para o Uruguai.

No dia seguinte ao jogo contra os alemães, diversos jornais destacaram que o trauma de 50 seria, enfim, apagado. O Diário de Pernambuco estampou em sua capa a manchete “Barbosa, descanse em paz” (ANEXO 03, p. 71), seguida pelo texto:

Moacir Barbosa Nascimento, goleiro do Brasil na Copa de 1950, morreu no dia 7 de abril de 2000 carregando para seu túmulo uma injusta culpa pela derrota contra o Uruguai no Maracanã. Uma decepção que, pensava-se, jamais seria repetida. Infelizmente, aconteceu. E foi pior. A goleada de ontem envergonhou a nação, mas redimiu Barbosa. (Diário de Pernambuco, 09/07/2014)³

O jornal Extra, do Rio de Janeiro, imprimiu em sua primeira página (ANEXO 04, p. 72) “Parabéns aos vice-campeões de 1950, que sempre foram acusados de dar o maior vexame do futebol brasileiro. Ontem, conhecemos o que é vexame de verdade” (Extra, 09/07/2014)⁴.

Em 1950, entretanto, ninguém fazia ideia do que o futuro reservava para o Brasil. Com a perda do título, a revolta tomou conta da torcida, que queimou os jornais que haviam garantido a taça. Na imprensa, a postura eufórica deu lugar às críticas aos jogadores e técnico (ANEXO 05, p. 73), em um processo de depreciação que duraria décadas. O comportamento da mídia, para vários, foi excessivo e acabou superdimensionando a derrota.

³ Diário de Pernambuco, Recife, 9 de julho de 2014.

⁴ Extra, Rio de Janeiro, 9 de julho de 2014.

Nunca mais os convocados da Seleção Brasileira de 1950 tiveram sossego na vida. Muitos deles amargaram o esquecimento da mídia ou se auto-exilaram para fugir da imprensa que, na opinião deles, só os procurava para repetir, sempre, as mesmas histórias tristes daquela tarde de domingo no Maracanã (RIBEIRO, 2007, pp. 134-135).

Algumas reportagens após a decisão da Copa do Mundo ainda tentaram amenizar a decepção (ANEXO 06, p. 74). Afirmavam que a Seleção Brasileira havia apresentado o melhor futebol, destacava o sucesso financeiro e de público da competição e rasgava elogios à torcida, fazendo um contraponto com críticas aos jogadores e técnico. (ANEXO 07, p. 75) A perseguição foi tão grande que gerou sério impacto psicológico nos atletas, como mostra a declaração de Danilo, meio de campo da seleção: “Olha, se eu tivesse morrido ao apito final que decretou nossa derrota, teria sido melhor para mim. Deus sabe o que sofri.” (apud CUNHA, 1993, p. 204).

Aquela derrota ficaria marcada como um dos maiores traumas da história do país, não apenas no futebol. O antropólogo Roberto Da Matta explica que foi “talvez, a maior tragédia da história contemporânea do Brasil” (apud MORAES NETO, 2000, p. 39.). O sentimento de catástrofe fica evidente na declaração em que Nelson Rodrigues comparou o revés com o ataque atômico a Hiroshima, no Japão, que matou aproximadamente 100 mil pessoas em 1945 e faz vítimas até os dias de hoje. “Cada povo tem a sua irremediável catástrofe nacional, algo assim como uma Hiroshima. A nossa catástrofe, a nossa Hiroshima, foi a derrota frente ao Uruguai, em 1950” (1994, p. 116).

O episódio também foi tratado com um verdadeiro desastre pelo escritor Carlos Heitor Cony, que chegou a perder a fé após o episódio.

Deixei de acreditar em Deus no dia em que vi o Brasil perder a Copa do Mundo no Maracanã. Duzentas mil pessoas viram quando Ghiggia fez o segundo gol do Uruguai. Foi um lance claríssimo, sem qualquer confusão que pudesse suscitar dúvidas: havia apenas Ghiggia, Bigode, Juvenal e Barbosa. Pois bem: depois do jogo, não encontrei uma só pessoa que descrevesse aquele lance da mesma maneira. Então, como acreditar na versão de meia dúzia de apóstolos, os poucos que viram Cristo ressuscitar, meio na penumbra, num local ermo e obscuro? (apud PERDIGÃO, 1986, p. 15)

No entanto, aquela partida não ficaria marcada apenas como um desastre. Foi um verdadeiro divisor de águas, que suscitou modificações na Seleção Brasileira e alterou o seu futuro.

O Brasil só voltou a campo como equipe nacional dois anos após o fim da Copa de 50, já que ninguém queria nem ouvir falar na seleção. O time foi reformulado e apenas Bauer e Ademir permaneceram. O Maracanã, por sua vez, só voltou a receber um jogo do esquadrão brasileiro em 14 de março de 1954, cerca de quatro anos após o fatídico dia, por conta das eliminatórias para a Copa do Mundo. Esse Mundial, por sinal, ficou marcado pela adoção da camisa amarela como uniforme oficial da Seleção Brasileira, que mais tarde viraria símbolo da equipe. O uniforme branco foi aposentado, afinal era preciso apagar qualquer lembrança que fizessem alusão àquele 16 de julho.

No entanto, apesar da tristeza e decepção pelo fracasso, há quem acredite que foi na derrota de 50 que o Brasil começou a ganhar o tricampeonato mundial de 58, 62 e 70.

2.5 – Da amarelinha ao pentacampeonato

Foi na Copa da Suécia, em 1958, que o Brasil sentiu, pela primeira vez, a alegria de levantar a taça de campeão do mundo. A geração formada por craques como Pelé, Garrincha, Didi, Vavá, Nilton Santos, Zagallo, entre outros, levou o país à conquista da primeira Jules Rimet, após vencer a Suécia, sede da competição, por 5 a 2 na final. Foi a vez de o Brasil experimentar o outro lado da moeda e destruir o sonho de outro país de ser campeão em casa.

Já na Copa seguinte, no Chile, em 1962, a seleção voltaria a ter alegrias com o futebol. Com a base do time mantida, nem a falta de Pelé na fase final atrapalhou o Brasil, que derrotou a Tchecoslováquia por 3 a 1 e se sagrou bicampeão mundial. Com a conquista, a seleção empatou com Itália e Uruguai em número de títulos. Seriam necessários apenas oito anos para a equipe verde e amarela chegar ao posto de maior campeã das Copas.

O tricampeonato veio em 1970, no México. Com Zagallo agora no comando, a seleção contava com feras como Gérson, Rivellino, Tostão, Jairzinho, além do Rei do

Futebol, Pelé, que no ano anterior chegava à marca de 1.000 gols. Considerado um dos melhores times da história, o Brasil goleou a Itália na final por 4 a 1 e conquistou a Taça Jules Rimet em definitivo.

Após uma era de glórias, com três conquistas em quatro Copas do Mundo disputadas, o Brasil amargou um período de 24 anos de jejum. O tetracampeonato veio somente em 1994, nos Estados Unidos, pelos pés de Romário e Bebeto, mãos de Taffarel e comando de Carlos Alberto Parreira. Novamente, a vítima na final foi a Itália, dessa vez nos pênaltis, mais especificamente na cobrança isolada por Roberto Baggio, o craque adversário.

O quinto – e último – título veio em 2002, na terceira final consecutiva disputada pelo Brasil. Na Copa de 1998, na França, o Brasil, pela segunda vez em sua história, chegou à final e foi derrotado. Com grande atuação de Zidane, a equipe da casa atropelou a seleção canarinho na decisão, venceu por 3 a 0 e sagrou-se campeão. Quatro anos depois, foi a vez do time dos “R”s fazer história, com Rivaldo, Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo “Fenômeno”, que ressurgia depois de graves lesões para se tornar artilheiro e craque da seleção no torneio. A “Era Felipão” resultou na conquista do pentacampeonato Mundial e consagrou o Brasil como o maior vencedor de Copas de todos os tempos, título que detém até hoje.

3. METODOLOGIA

Após vencer a Colômbia por 2 a 1 nas quartas-de-final da Copa do Mundo 2014, o Brasil se classificou para enfrentar a Alemanha na semifinal da competição. A partida, no entanto, ficou marcada pela lesão de Neymar, que recebeu uma joelhada do jogador colombiano Zúñiga, fraturou uma das vértebras e foi cortado do torneio. No dia 9 de julho de 2014, a Alemanha goleou o Brasil por incríveis 7 a 1 no Mineirão. Com a maior derrota da sua história em Mundiais, a Seleção foi eliminada do torneio e perdeu a chance de finalmente vencer uma Copa em casa. No dia seguinte, o fracasso brasileiro foi destaque nos jornais de todo o país.

Neste trabalho de conclusão de curso, foi feita uma análise do Caderno de Esportes e da capa de todas as edições do jornal O Globo desde 5 de julho de 2014, dia após a vitória contra a Colômbia, até 9 de julho de 2014, dia após a goleada alemã. A intenção foi descobrir quais os assuntos mais tratados nesse período, o que ganhou destaque, o que não foi explorado e até que ponto a cobertura do jornal sofreu mudanças. A metodologia empregada foi a Análise de Conteúdo como proposta por Laurence Bardin.

A Análise de conteúdo nasceu no início do século XX, nos Estados Unidos, como um método de analisar os textos jornalísticos produzidos no país. O governo americano, diante da Segunda Guerra Mundial, buscava identificar publicações suspeitas de vincular propagandas subversivas, principalmente nazistas, veladas nos textos. Anos depois, a técnica começou a ser utilizada também em outros campos de pesquisa das ciências humanas, como psicologia, sociologia e comunicação. Este trabalho baseia-se na conceituação de Bardin (2009), pelo fato de o autor ser um dos mais citados no Brasil em pesquisas que adotam a análise de conteúdo como técnica.

Essencialmente definida como “uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (BERELSON apud BARDIN, 2009, p. 20), a Análise de Conteúdo perdeu um pouco da sua natureza exclusivamente descritiva e passou a reconhecer que sua função é também de analisar o que está inferido no texto.

A Análise de Conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição

do conteúdo das mensagens. [...] A intenção da Análise de Conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (BARDIN, 2009, p. 38).

A Análise de conteúdo auxilia na descrição e interpretação de mensagens em um nível que ultrapassa a compreensão de uma leitura simples ou feita por uma pessoa “comum”. Ao aplicar o método, o pesquisador deve desviar seu olhar do senso comum e procurar outras significações, expressas, muitas vezes, apenas implicitamente.

A análise de conteúdo é usada quando se quer ir além dos significados, da leitura simples do real. Aplica-se a tudo que é dito em entrevistas ou depoimentos ou escrito em jornais, livros, textos ou panfletos, como também a imagens de filmes, desenhos, pinturas, cartazes, televisão e toda comunicação não verbal: gestos, posturas, comportamentos e outras expressões culturais (FERREIRA, 2000, p. 13).

Por meio da Análise de Conteúdo, o objetivo da pesquisa foi entender de que forma o jornal lidou com o 7x1 e até que ponto o veículo preparava o torcedor para um possível revés. A partir da leitura flutuante do jornal durante esse período, levantaram-se hipóteses e perguntas que buscamos responder neste trabalho. Como O Globo tratou a derrota histórica? Quais as semelhanças e diferenças em relação à imprensa na Copa de 50? O espaço dado a Neymar foi exagerado? A Alemanha recebeu a atenção necessária? A cobertura manteve uma linha de coerência ou sofreu mudanças de acordo com os acontecimentos?

Uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise. Trata-se de uma suposição cuja origem é a intuição e que permanece em suspenso enquanto não for submetida à prova de dados seguros. O objectivo é a finalidade geral a que nos propomos (ou que é fornecida por uma instância exterior), o quadro teórico e/ou pragmático, no qual os resultados obtidos serão utilizados (BARDIN, 2009, p. 98).

A partir desses questionamentos foi possível traçar a trajetória da cobertura de O Globo e analisar a abordagem da cobertura do jornal.

A definição do escopo de trabalho foi definida após uma série de ponderações. O Globo foi escolhido por ser um jornal com abrangência nacional e considerado um dos mais influentes do Brasil. Fundado por Irineu Marinho, em 1925, no Rio de Janeiro, o jornal é classificado como tradicional e tem como público-alvo as classes A e B (ANEXO 08, pp. 76-77). Com circulação diária, O Globo está entre as maiores tiragens do país. Segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC)⁵, a circulação média diária de janeiro a dezembro de 2013 foi de 267.541 exemplares, ficando na segunda colocação nacional, atrás apenas do Super Notícia, de Minas Gerais (302.472) e da Folha de São Paulo (294.811).

A escolha pelo impresso em detrimento da versão digital se deu por conta da volatilidade do conteúdo online. Além de ser complicado reunir todas as notícias que foram publicadas na rede sobre um assunto em determinado período, as publicações podem ser alteradas repetidamente, tornando praticamente impossível identificar qual seria o conteúdo original. Ademais, de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia⁶, encomendada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom) ao Ibope e publicada em fevereiro deste ano, os jornais impressos têm maior credibilidade com a população⁷.

Durante o período do Mundial, O Globo distribuiu um suplemento grátis chamado de “Copa 2014”, além do tradicional Caderno de Esportes. A diferença dessa publicação é que era exclusiva para a cobertura da Copa, sem espaço para assuntos que não fossem relacionados à competição. Apesar da importância da edição, optamos por não utilizá-la na pesquisa, porque muitos textos eram os mesmos publicados no caderno esportivo, alguns com ligeiras modificações. Além disso, como o impresso era passageiro, poderia não refletir completamente a postura do jornal, até em razão dos profissionais temporários contratados apenas para a cobertura do período. “Copa 2014” era um complemento, um acréscimo, mas não detinha a maior relevância dentro do

⁵ Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2014/01/27/Circulacao-de-jornais-cai-de-1-9-em-2013.html>. Acesso em 15 de setembro de 2014.

⁶ Disponível em: <http://dotgroup.com.br/wp-content/uploads/2014/03/PesquisaBrasileiradeMidia20141.pdf>. Acesso em 15 de setembro de 2014..

⁷ Das pessoas consultadas em todo o país, 53% disseram confiar sempre ou muitas vezes nas notícias veiculadas nos impressos, que ficaram à frente de todos os outros tipos de mídia – rádio, televisão, online e revistas.

jornal. O Caderno de Esportes continuou sendo o principal, lá estava reunido o melhor conteúdo.

No total, foram analisadas cinco edições de O Globo - dias 5, 6, 7, 8 e 9 de julho – totalizando 72 páginas, sendo cinco capas do caderno de esportes e as cinco capas do jornal. A opção por esse período se deu pelo intuito de traçar uma linha do tempo retratando a trajetória da cobertura do jornal. Deste modo, foi possível observar as mudanças na linha editorial e também a transição entre posições mais críticas, objetivas ou passionais. Para delinear o percurso percorrido pelo jornal durante esse intervalo, a análise foi dividida por dia, de modo a ter uma visão mais ampla do cenário de cada edição.

Após a definição completa do escopo de trabalho, iniciou-se a etapa de exploração do material, momento em que os dados brutos foram organizados e agregados “em unidades, as quais permitem uma descrição das características pertinentes do conteúdo”, segundo Holsti (1969 apud BARDIN, 2009, p.129). Para uma análise mais completa, a pesquisa foi dividida em duas partes: uma quantitativa e outra qualitativa, mescla que segue uma linha de pensamento mais contemporânea.

Em relação à análise quantitativa, o objetivo foi fazer um diagnóstico dos assuntos que ganharam mais espaço em cada edição. Para tal, todas as notas, reportagens e matérias do jornal foram categorizadas, ou seja, cada uma delas foi estudada e avaliada, de modo a ser classificada em um tema. A análise categorial funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos (BARDIN, 2009, p. 153). É importante ressaltar que foi respeitada a particularidade de cada edição, ou seja, apesar de alguns temas serem recorrentes nos dias pesquisados, outros apareceram apenas em uma edição.

Os temas ou assuntos foram escolhidos como unidade de registro, mas é importante fazer a distinção entre o que se conta e o modo de contagem, chamada de regra de enumeração. Evidentemente, apurou-se o número de matérias sobre cada tema tratado, mas foi necessário levar em consideração a área percentual ocupada no jornal, pois uma reportagem de uma página não equivale a uma nota. Portanto, optou-se pela frequência ponderada.

Se supusermos que a aparição de determinado elemento tem mais importância do que um outro, podemos recorrer a um sistema de ponderação.

Por exemplo, se considerarmos que a aparição de b e d possui uma importância dupla de a, c e f, afectam-se todos os elementos com coeficientes, no momento da codificação (BARDIN, 2009, p. 108).

Com a consolidação dos dados quantitativos, passou-se para a análise qualitativa. Nesse caso a intenção foi interpretar de que modo os temas foram apresentados por O Globo, isto é, quais foram as matérias de maior destaque, a abordagem utilizada e principalmente qual foi o enfoque adotado pelo jornal. Desta forma, foi possível entender, com mais profundidade, a maneira como os temas foram tratados e interpretar a postura apresentada pela publicação, fosse ela mais racional e prática ou emocional.

A análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre *corpus* reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que deem lugar a frequências suficientemente elevadas, para que os cálculos se tornem possíveis (BARDIN, 2009, p. 115).

Sendo um jornal o objeto de estudo, a análise se deu em cima das palavras. Contudo, esse estudo não se preocupa com aspectos linguísticos, mas com questões de importância contextual, o fundamental é a mensagem que está sendo transmitida, seja de forma explícita ou implícita. Portanto, levou-se em consideração o tipo de linguagem utilizada, marcadores de ideologias, repetição de certas expressões e direções favoráveis, desfavoráveis ou neutras, patrióticas ou características do “Complexo de Vira-Latas” proposto por Nelson Rodrigues⁸. Vale esclarecer que, apesar de eventualmente citar quem escreveu a notícia, este trabalho não levou em consideração a autoria das matérias, já que havia um rodízio entre repórteres e muitos textos não foram assinados.

A análise passa também pela capa geral de O Globo, não apenas a do Caderno de Esportes. Isso porque a capa é primordialmente utilizada como recurso do jornal para chamar a atenção do leitor e destacar os assuntos mais importantes, além de ser a área

⁸ “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face ao resto do mundo. Isso em todos os setores, sobretudo no futebol” (RODRIGUES, 1993, p.52).

mais nobre de um jornal. Pesquisou-se o espaço ocupado por notícias relacionadas à Copa do Mundo na primeira página, o que demonstra a importância do evento para O Globo. Também foi levada em consideração a disposição das informações relacionadas à competição, já que o lugar ocupado indica a importância do assunto, principalmente em jornais, onde uma notícia na parte superior da capa tem um valor completamente diferente de uma nota de rodapé à esquerda.

A ordem de aparição das unidades de registro (por exemplo, numa entrevista ou num relato), pode ser o índice pertinente. Se *a* está em primeiro lugar e *d* em segundo, se *a* precede *d* ou *d* sucede *a*, isto pode ter uma significação mais importante (no quadro da inferência) do que a frequência. Ou então a frequência e o encadeamento das unidades de registro, podem combinar-se nas medidas (BARDIN, 2009, p. 112).

Este trabalho considerou os conteúdos verbais e não verbais no jornal, em especial as imagens e fotos, presentes nas capas e nos textos, já que as figuras ilustram o que está sendo dito.

O simbolismo que cada fotografia transmite ao público leitor do jornal e consumidor de informações sobre o futebol e a Copa do Mundo desafia os pesquisadores a uma análise mais detalhada, tentando entender as mensagens explícitas – e implícitas – que cada imagem pode transmitir (MOREL et al., 2013, p. 100).

Uma vez feita a exploração do material, partiu-se para o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Nesta etapa ocorreu a condensação e o destaque das informações mais relevantes, que refletem exemplos mais específicos da visão macro. Esse seria o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica.

A partir da perspectiva de Bardin, este trabalho de análise de notícias procurou perceber, principalmente, a frequência dos temas apresentados durante o período de 5 a 9 de julho, a presença ou ausência de determinados conteúdos, os personagens mais citados, a linguagem utilizada, a visão passada pelo jornal e a abordagem adotada. Deste modo será possível, enfim, compreender como foi a cobertura do jornal O Globo frente ao Alemanha 7x1 Brasil.

4. A COBERTURA DE O GLOBO

Em 30 de outubro de 2007, o Brasil foi escolhido para ser sede da 20ª edição da Copa do Mundo FIFA. Apesar da alegria e expectativa para receber a competição pela segunda vez na história, o Mundial começou a ser questionado por diversos setores da sociedade, principalmente por causa das obras multimilionárias e o direcionamento de dinheiro público para o futebol enquanto serviços de primeira necessidade, como saúde e educação sofriam total abandono por uma suposta falta de verba.

A inquietação da população foi ganhando força principalmente através da mobilização na internet, por meio de redes sociais onde diversos grupos começaram a se articular para mostrar insatisfação. Do universo online, as manifestações passaram a tomar as ruas e, apesar de terem se iniciado por conta do aumento das passagens de ônibus urbanos, o efeito foi de dominó, trazendo outras reivindicações que engrossaram o coro, inclusive a respeito da Copa do Mundo. Intitulado de “Não vai ter Copa”, o movimento resultou em grandes protestos que mobilizaram todo o país durante o mês de junho de 2013, época em que acontecia a Copa das Confederações, evento teste que precede o Mundial.

Era complicado prever como seria a Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Porém, mesmo com todas as dúvidas e incertezas, a competição foi bem sucedida, alcançando ótima repercussão na imprensa internacional. O torneio foi batizado de “Copa das Copas”, comprovando o sucesso no quesito futebolístico, por causa dos grandes jogos, e também por não ter apresentado maiores problemas fora dos gramados, nem em relação à infraestrutura e nem a confusões em protestos. A única – e grande – ressalva ficou por conta do jogo Alemanha 7x1 Brasil, que ainda foi sucedido por uma nova goleada: Holanda 3x0 Brasil, na disputa pelo terceiro lugar.

É importante destacar que desde 2010, quando foi eliminada da Copa da África, a seleção vinha sofrendo muitos questionamentos, principalmente em relação à dificuldade de formar uma equipe capaz de ganhar o título em casa. O técnico Mano Menezes, escolhido para substituir Dunga, foi criticado durante todo seu comando e acabou deixando cargo. Faltando apenas um ano e meio para o Mundial, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), anunciou Felipão como novo treinador, na

esperança de sua experiência como técnico do pentacampeonato ajudasse na conquista da taça.

A chegada de Felipão e o desempenho na Copa das Confederações renovaram o olhar de torcedores e imprensa sobre as chances do Brasil. No torneio, a Seleção surpreendeu e conquistou o título vencendo a Espanha, então campeã mundial, na final com uma goleada de 3 a 0. Na convocação para a Copa do Mundo, Felipão manteve praticamente a mesma equipe que havia levantado a taça e quase não foi questionado pela mídia, fato raro na história brasileira.

Exatos 63 anos, 10 meses e 24 dias após o Maracanazo, a Copa voltava para terras tupiniquins, agora com o Brasil como pentacampeão mundial e o maior vencedor da história das copas. Na estreia da competição, o Brasil venceu a Croácia de virada por 3 a 1, com gols de Neymar (2) e Oscar. Na partida seguinte, a Seleção voltou a encontrar dificuldades e empatou com o México em 0 a 0. O alívio veio no último jogo da fase de grupos, quando a equipe comandada por Felipão goleou Camarões por 4 a 1 com gols de Neymar (2), Fred e Fernandinho e se classificou em primeiro lugar no grupo.

Já na fase de mata-mata, o Brasil eliminou o Chile, pelas oitavas de final do torneio, em jogo difícil que teve que ser decidido nos pênaltis. Em seguida, foi a vez de enfrentar a Colômbia, seleção que vinha sendo uma das sensações da Copa. O confronto era considerado difícil, mas o Brasil contou com a ajuda dos zagueiros Thiago Silva e David Luiz para vencer por 2 a 1 e passar para a semifinal. No entanto, a partida ficou marcada pela lesão de Neymar, que foi atingido nas costas por uma joelhada do colombiano Zúñiga, quebrou uma vértebra e desfalcou o Brasil no restante da competição.

Com a Alemanha pela frente, a Seleção ainda teria outro problema. Além do desfalque do grande craque do time, o capitão Thiago Silva foi suspenso pelo segundo cartão amarelo e ficou fora do duelo. O dia 8 de julho de 2014 entrou para história do futebol brasileiro e mundial. Jogando no Mineirão, em Belo Horizonte, a Seleção Brasileira foi goleada pela Alemanha e conheceu a maior derrota em seus cem anos de história: esmagadores 7 a 1. O time ainda seria goleado pela Holanda por 3 a 0 e amargaria o quarto lugar em casa. Os alemães, por outro lado, conquistariam o tetracampeonato ao vencer a Argentina por 1 a 0 na prorrogação da grande final.

4.1 - Edição I: 05/07/2014

Como já mencionado anteriormente, a análise do jornal O Globo começou pela edição de 5 de julho de 2014, o dia seguinte ao jogo contra a Colômbia, quando o Brasil venceu por 2 a 1 e se classificou para a semifinal da Copa do Mundo.

Na capa geral da publicação de sexta-feira, o Mundial recebeu grande valorização editorial, ocupando cerca de 70% da primeira página. Logo na parte superior da capa, o que denota maior importância, o destaque foi para o corte de Neymar da competição, representado pela manchete “Neymar está fora da Copa”. Para ilustrar o assunto, foi escolhida uma foto dramática, com o camisa 10 caído no gramado se contorcendo de dor logo após ser atingido por Zúñiga.

Abaixo, com uma área quase 6% inferior à notícia sobre Neymar, a publicação ressaltou a classificação da Seleção Brasileira, focando nas atuações dos zagueiros, que fizeram os gols da partida. A manchete “Zaga põe Brasil nas semifinais” dá a entender que a equipe só venceu a partida graças aos zagueiros e que se não fosse por eles, provavelmente a história seria diferente. Para ilustrar o fato, foi estampada uma foto de David Luiz comemorando seu gol, que viria a ser o da classificação.

Outros pontos que ganharam espaço na capa foram: uma charge do Chico com o desenho de James Rodríguez chorando – cena que marcou o final da partida – e a tabela dos jogos do dia – Argentina contra Bélgica e Holanda contra Costa Rica. Mais um elemento presente foram as chamadas para as colunas de opinião, mas o que é importante ressaltar é que, nesse dia especificamente, todas elas falaram sobre algum aspecto da Copa do Mundo, mesmo aquela que não são tradicionalmente sobre esporte, como as assinadas por Míriam Leitão, Ana Cristina Reis e Zuenir Ventura.

A capa do Caderno de Esportes também teve a lesão de Neymar como o maior destaque. Tradicionalmente ocupada por uma foto grande, com título e subtítulo, e três destaques menores, a primeira página da seção foi ilustrada pela imagem do momento da joelhada do colombiano Zúñiga nas costas de Neymar, com a frase “Uma pancada no Brasil”. A frase demonstra como a pancada não foi apenas no craque, mas acabou atingindo toda a nação brasileira, que agora sofreria com a ausência de seu principal jogador. Na legenda “Colombiano Zúñiga dá joelhada nas costas de Neymar, que fratura vértebra e está fora do Mundial. Seleção chega às semifinais” fica evidente que a perda

de Neymar é tema mais relevante, enquanto a classificação do Brasil para a semifinal é secundária.

Ainda relacionado a Neymar, a procura por um substituto foi uma das três chamadas menores, apontando Paulinho como o provável escolhido. O destaque seguinte foi para a vitória do Brasil, exaltando a atuação dos zagueiros, onde novamente a partida foi tratada em segundo plano. Apenas na última chamada é que vem à tona a Alemanha, citando que ela seria a próxima adversária do Brasil, mas não é evidenciado nenhum juízo de valor dizendo se o confronto seria complicado ou não.

4.1.1 – Caderno de Esportes

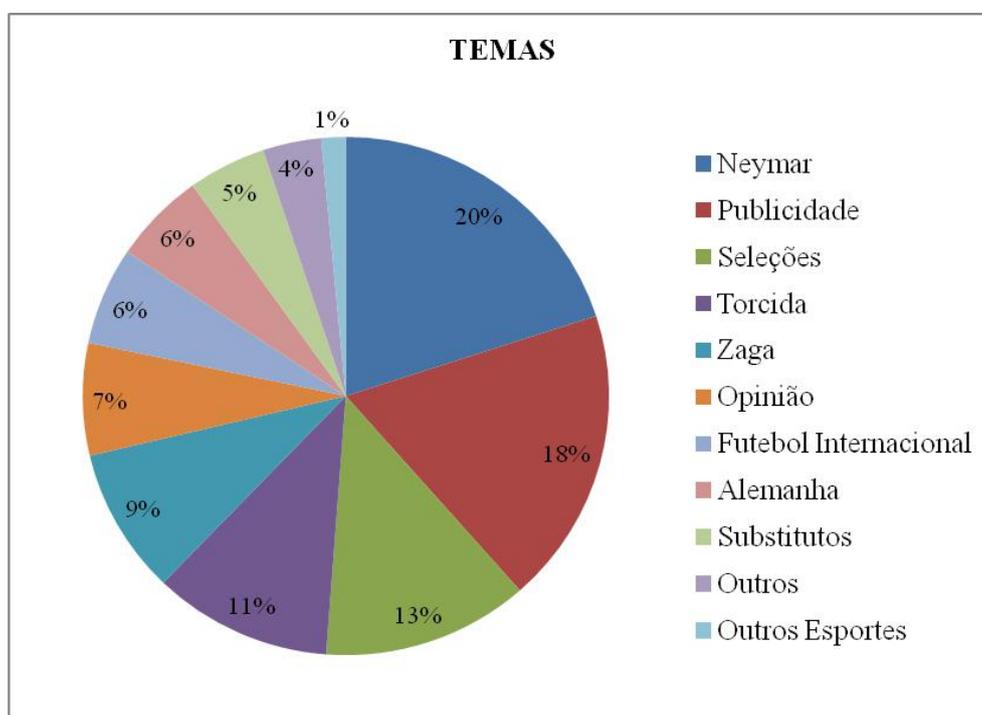


Figura 1: Distribuição de temas da edição de 5 de julho de 2014

Como já era esperado pelas capas, o tema mais comentado nas 16 páginas do Caderno de Esportes foi Neymar (Quadro 1, pp. 60-61)⁹. Após a fratura e o corte da Copa do Mundo, o craque tomou conta da maioria das páginas da publicação. É de se notar que o jornal dedicou duas páginas inteiras com matérias especificamente sobre o

⁹ Todos os quadros com os títulos das matérias de cada edição, categorização por tema e percentual ocupado pelo assunto estão reunidos no Apêndice.

craque. Uma delas falava sobre a saída do jogador do time, focando na importância dele para a equipe e questionando o que seria da Seleção dali em diante. O tom era de tristeza, com grande ênfase para declarações de jogadores, atletas, ex-atletas, celebridades e imprensa internacional lamentando a despedida precoce do craque. A outra matéria abordava mais especificamente a lesão, explicando em detalhes as consequências da joelhada de Zúñiga no corpo de Neymar. A notícia também trazia certa dramaticidade, lembrando do fim do sonho do jogador. Ainda no mesmo tema, é possível identificar matérias contendo críticas à arbitragem, que teria permitido a violência durante a partida, além de não punir o colombiano Zúñiga pela dura entrada no jogador brasileiro.

A torcida também teve espaço importante, ocupando 11% da edição. Uma das matérias, que ocupava uma página inteira do jornal, falava dos torcedores presentes no Castelão, local da partida, apontando a clara preferência pelo zagueiro David Luiz, que fez o gol da vitória brasileira. Mesmo discorrendo sobre a torcida, a matéria não esqueceu Neymar e afirmou que a torcida não teve nem tempo de sofrer pelo craque, já que os presentes no estádio não tinham noção da dimensão do problema. A empolgação da torcida ganhou mais uma página inteira, que indicava os diversos lugares no país onde pessoas se reuniram para assistir aos jogos. É interessante ressaltar que essa reportagem demonstrava um certo otimismo por parte da torcida, evidenciado pelo título “Faltam dois”, em referência aos dois jogos que faltariam para o título da Copa do Mundo.

A dupla de zaga do Brasil foi o foco de algumas reportagens do jornal, totalizando um espaço expressivo na edição: 9%. A crônica da partida teve como grandes personagens David Luiz e Thiago Silva, enfatizando a grande atuação deles e a contribuição para o resultado positivo. Os dois ganharam uma matéria “exclusiva”, exaltando suas qualidades e falando da adoração da torcida por David Luiz, o queridinho da Copa até então. Esse mesmo texto lembra a volta por cima do capitão Thiago Silva, que havia sido duramente criticado no jogo anterior contra o Chile por chorar e optar por não participar da cobrança de pênaltis. O cartão amarelo recebido pelo zagueiro, que levava ao cumprimento de suspensão automática na partida contra a Alemanha ganhou pouco espaço, sendo evidenciado somente no final.

Mesmo sendo a próxima adversária do Brasil na Copa do Mundo, a Alemanha não ganhou grande destaque na edição. Enquanto Neymar ocupou 20% do Caderno de Esportes, a Alemanha conseguiu apenas 6%. O jogo entre França e Alemanha preencheu uma página da edição, com maior ênfase para a equipe comandada por Joachim Löw, que venceu a partida por 1 a 0. Nesse texto, após falar da classificação alemã é lembrado o fato de ela ter perdido as últimas três semifinais de que havia participado. Apesar de falar da vitória, é evidente o tom mais crítico, depreciando a atuação da seleção.

Não há nenhuma reportagem alertando sobre as qualidades da Alemanha e dos perigos que ela trazia para o Brasil, mesmo sendo uma seleção com muito mais tradição do que os adversários anteriores do Brasil. Ressaltou-se a atuação mediana na partida contra a França, mas não o futebol forte que os alemães vinham apresentando há alguns anos e Copas.

Outro ponto importante é que, se na crônica do jogo do Brasil a Alemanha é apenas citada como próxima adversária, no texto após a classificação alemã é colocada uma declaração do técnico da equipe falando da dificuldade de enfrentar sul-americanos na competição. Dá-se a impressão de que o Brasil era o favorito, quando na verdade o futebol apresentado pela seleção de Felipão até aquele momento era fraco e a partir dali ainda teria o desfalque de Neymar, o melhor jogador do time.

Era de se esperar que a busca por possíveis substitutos de Neymar e Thiago Silva ganhasse relevância na edição. O curioso é que a maior parte de reportagens falando sobre os candidatos a ocupar a vaga de Neymar citavam Paulinho e William, enquanto o atacante Bernard era tratado como um “azarão”, que corria por fora e tinha menor probabilidade de ir para o jogo. No final das contas, ele foi o escolhido por Felipão. A grande parte das matérias sobre os “substitutos” também poderiam se encaixar no tema “Neymar”, pois lembravam constantemente a grande dificuldade que seria alguém para ocupar o lugar do camisa 10.

É considerável também que a vaga deixada por Thiago Silva tenha sido tão um assunto tão insignificante. A ausência do capitão resultou em somente uma pequena nota, que apontava Dante como provável substituto, o que acabou se concretizando. O interessante é que o tom utilizado é muito positivo, praticamente exaltando o desfalque como algo bom, já que Dante conheceria muito bem a Alemanha. Em nenhum momento

é dito que a ausência de Thiago seria uma grande perda, mesmo ele sendo considerado o melhor zagueiro do mundo.

4.2 - Edição II: 06/07/2014

No domingo, a Copa do Mundo continuou sendo responsável por mais da metade da capa do jornal, ocupando 56,5% da primeira página, número um pouco menor que no dia anterior. O primeiro destaque, posicionado no alto, foi a despedida de Neymar, que deixou a concentração na Granja Comary e voltou para casa. A foto escolhida para ilustrar a notícia é impactante, pois mostra o craque com aspecto abatido e deitado em uma maca. Embora o enfoque seja o adeus do camisa 10, a matéria também lembra a avaliação de uma punição a Zúñiga, que seria o “responsável” por aquela situação. Além disso, comenta-se a busca por um substituto para Neymar e há um pequeno destaque para David Luiz, que herdaria a braçadeira de capitão de Thiago Silva.

O Globo traz ainda uma charge do Chico com os jogadores da Seleção carregando uma “bandeira”, que na verdade é a camisa 10 de Neymar, e o craque observando da janela com um sinal de positivo. A mensagem passada pela ilustração é de união do time em torno de um objetivo: jogar pelo craque e levar a taça para ele. A capa ainda chama o leitor para as crônicas das partidas que classificaram Holanda e Argentina à outra semifinal da Copa do Mundo.

O Caderno de Esportes também evidenciou a partida de Neymar como assunto mais importante. Porém, diferentemente da capa geral, a foto escolhida foi mais leve, fechada no jogador, que aparece com um leve sorriso, sem mostrar claramente ele deitado na maca. A abordagem um pouco mais suave da situação e não tão dramática como no dia anterior pode ser identificada durante toda a edição. O subtítulo conduz primeiro à análise da FIFA para punir o colombiano Zúñiga e, em seguida, revela o pacto feito pelo time de dedicar o título ao Neymar. Por fim, o texto aponta que David Luiz seria o capitão da equipe na semifinal.

Abaixo da foto principal, a primeira página também aponta outras questões, como a busca por um novo protagonista para a Seleção, que segundo o jornal seria Oscar. O leitor também é atraído para as reportagens a respeito das partidas das quartas de final, que levaram Holanda e Argentina à outra semifinal da Copa do Mundo. A

Alemanha, próxima adversária do Brasil, a ausência de Thiago Silva, ou a escolha de seu substituto não apareceram na capa.

4.2.1 – Caderno de Esportes

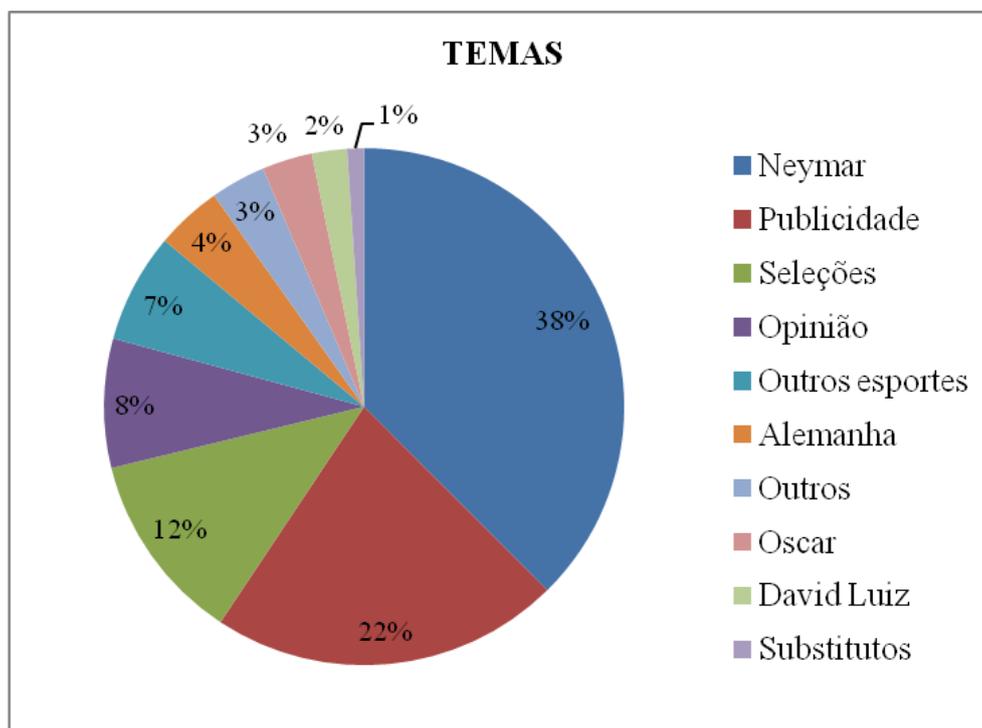


Figura 2: Distribuição de temas da edição de 6 de julho de 2014

Assim como na edição anterior, Neymar foi o principal tema das 16 páginas do Caderno de Esportes (Quadro 2, pp. 62-63). Apesar de a notícia da lesão já estar “velha”, o conteúdo voltou à tona por conta da novidade da despedida do craque. Desta forma, Neymar ocupou 38% do caderno, a maior porcentagem nos cinco dias estudados. O grande foco foi a recepção que o jogador ganhou da torcida, família e amigos na Granja Comary e na sua chegada em Santos.

Nota-se que o jornal inicia uma mudança de tom, com o objetivo de ser mais positivo e focar na volta por cima de Neymar e da Seleção. Diversas reportagens corroboram essa análise, como uma matéria sobre o vídeo divulgado pela CBF, em que o camisa 10 diz que “o sonho não acabou”, e outra com declarações do médico da Seleção, José Luiz Runco, a respeito da possibilidade de o craque ir ao Mineirão torcer pelo Brasil. Além disso, é publicada uma reportagem destacando a união do time e o

pacto para vencer a Copa do Mundo por Neymar, e também uma nota relatando que o ex-jogador e campeão mundial Amarildo havia afirmado que a saída do jogador poderia até mesmo ser boa.

O Globo tenta tranquilizar o público, declarando que a lesão do jogador não seria tão grave quanto aparentava num primeiro momento, que ele ainda estaria presente de alguma forma e que a Seleção poderia tirar algo de bom da situação. No entanto, a edição alterna entre o pessimismo e o otimismo, sem abandonar completamente o teor de tristeza. Isso pode ser verificado quando o Caderno de Esportes volta a trazer a repercussão da lesão de Neymar na imprensa internacional e a lamentação de ex-campeões mundiais, atletas, personalidades, Messi e até da presidente Dilma Rousseff. O “fator” Zúñiga também é relembrado e, apesar de trazer uma declaração do jogador afirmando que não teve maldade no lance, O Globo reserva quase meia página para pressionar por uma atitude da FIFA.

Como é possível observar pelo gráfico, o tema “Seleções” foi um dos mais comentados na edição (12%), por conta da realização recente dos jogos Holanda x Costa Rica e Argentina x Bélgica. Esperava-se que a Alemanha também conquistasse mais destaque no jornal conforme o confronto com o Brasil fosse se aproximando, mas a zona dedicada a ela (4%) diminuiu em relação à edição anterior. A seleção alemã foi pauta de apenas uma reportagem falando da reconstrução do futebol no país e as semelhanças com o futebol da Espanha, apontado como revolucionário e campeão Mundial até aquele momento. O texto lembra o último jogo com o Brasil, em que a Alemanha venceu por 3 a 2, e valoriza a adversária, classificada como um time compacto, forte, veloz.

Pela primeira vez a dificuldade do confronto é exaltada, mas procurando contrabalancear com previsões positivas para o Brasil, como em: “ter pela frente um time com tanta tradição e qualidade técnica pode soar assustador para um Brasil que não terá Neymar. Mas o discurso dos jogadores é otimista”, e também quando ressalta a empolgação deles para jogar contra os anfitriões, como se considerassem uma honra jogar contra o Brasil. Já a provável entrada do zagueiro Dante no lugar de Thiago Silva é lembrada e tratada com extrema positividade, sem lamentar a ausência do capitão.

Falando em zaga, David Luiz foi valorizado na edição, apesar de ter ocupado apenas 2% do jornal, o que poderia ser um espaço não muito significativo. Porém, o

zagueiro foi destaque na capa geral e na do Caderno de Esportes, além de ter sido o foco principal de algumas matérias. O Globo dedicou uma reportagem para tratar da liderança de David Luiz e sua nova função de capitão no lugar de Thiago Silva. O jogador é apontado como o favorito da torcida, além de ser exaltado pelas atuações e futebol apresentado até então na Copa. O texto não demonstra nenhum receio a respeito da ausência de Thiago e afirma que David Luiz suprirá bem a função de comandar a equipe em campo na partida contra a Alemanha.

Outro jogador que conquistou destaque no jornal foi “Oscar”, apontado como o possível protagonista que a Seleção precisaria dali em diante. Por outro lado, os candidatos às vagas abertas na Seleção, classificados como “Substitutos”, obtiveram apenas 1,1% do total do caderno. Com um índice inferior ao da edição anterior, o tópico foi lembrado apenas em uma pequena nota de que Willian, candidato à vaga de Neymar, havia saído cedo do treino por conta de uma pancada nas costas. Porém, mesmo sendo uma matéria reduzida, O Globo encontrou espaço para destacar um gol perdido por Bernard, que, além de não ser citado como postulante a substituto, é praticamente ridicularizado pelo episódio.

4.3 - Edição III: 07/07/2014

O cenário por trás da edição do dia 7 de julho de O Globo foi diferente dos demais dias, pois sua publicação aconteceu bem no meio do intervalo entre as partidas das quartas e das semifinais. Sem jogos e apenas com os treinos das seleções, houve menos conteúdo a ser explorado pelos jornalistas em relação à Copa do Mundo. Pelas questões supracitadas, o espaço designado ao Mundial na capa do jornal foi reduzido em relação aos dias anteriores, preenchendo apenas 38,4% da primeira página.

Pela primeira vez, Neymar deixou de ser a manchete principal e seu substituto foi quem ganhou maior evidência no topo da página. O jornal iniciou a especulação sobre quem seria o escolhido por Felipão para a vaga no ataque. A matéria foi ilustrada por uma foto do treinador em pé no gramado como se estivesse pensando nas opções para o jogo. Abaixo, O Globo exibiu uma imagem do jogador Willian, em analogia ao subtítulo “Willian corre por fora”. As colunas de Veríssimo, Renato Maurício Prado e Joaquim Ferreira dos Santos, também fizeram menção aos possíveis novos protagonistas da Seleção e ganharam chamadas na capa.

A Alemanha obteve uma pequena chamada na capa, por causa da informação de que a equipe usaria o uniforme rubro-negro contra o Brasil. A torcida também é lembrada, pois a média de público da competição chegava ao segundo lugar da história das Copas, comprovando o sucesso do evento. Além disso, a reportagem sobre a denúncia da máfia de ingressos na Copa envolvendo pessoas ligadas à FIFA ganhou projeção na capa.

A capa do Caderno de Esportes também investiu em uma conexão direta entre foto e texto. O título “De olho na vaga” veio ilustrado por uma foto de Willian olhando para as palavras. O atacante é apontado como o provável substituto de Neymar, apesar de O Globo também mencionar outras opções de Felipão, como o volante Paulinho.

O fato de a Copa ter alcançado a segunda maior média de público da história é novamente exaltado, agora em uma das chamadas da primeira página do caderno. A Alemanha, por outro lado, aparece porque havia anunciado que iria usar o uniforme rubro-negro na partida contra o Brasil. Por fim, a Argentina é citada tentando a recuperação de Di María para a sequência da competição.

4.3.1 – Caderno de Esportes

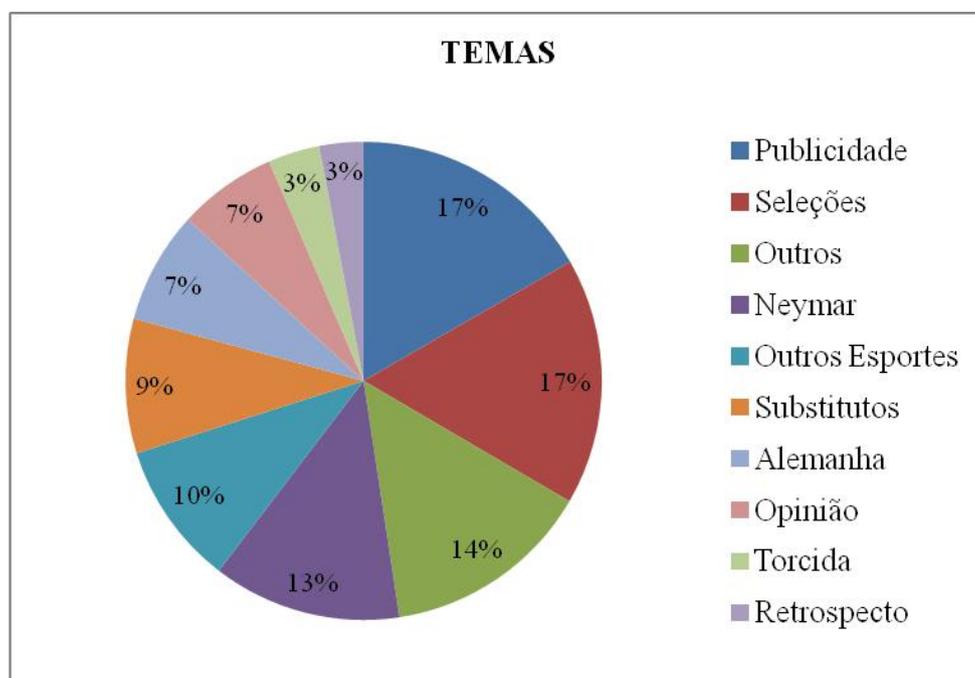


Figura 3: Distribuição de temas da edição de 7 de julho de 2014

Pela primeira vez nos dias estudados, Neymar não é o assunto mais explorado da edição, mas ainda conta com um grande espaço de 13% do Caderno de Esportes. Como dito anteriormente, o intervalo em relação às partidas, anteriores e seguintes, contribuiu para o tema “Seleções” ser o mais presente (17%) das 12 páginas da edição (Quadro 3, pp. 64-65). O jornal aproveitou para fazer reportagens sobre as duas equipes da outra semifinal, pouco comentadas até então.

Mesmo com a diminuição de espaço, Neymar continuou preenchendo uma fração expressiva do Caderno de Esportes no dia 8 de julho. Curiosamente, uma das reportagens fala da onipresença do jogador mesmo após sua despedida, evidenciada no título “Mesmo fora do Mundial, craque continua no centro das atenções na seleção”. O texto relata a influência do camisa 10 na Seleção, que ainda era foco nas coletivas, nas redes sociais e nas conversas do time. Não foi mencionado na matéria, mas, como observamos a partir deste estudo, Neymar também era o tema mais abordado em O Globo e na imprensa em geral.

A edição não investe no tom esperançoso e positivo da anterior e apenas comenta a intenção da comissão técnica de tirar proveito psicológico da despedida de Neymar na equipe brasileira. A publicação frisa a falta que o craque faria e dedica uma página inteira para quantificar a importância de Neymar, contabilizando finalizações, assistências e gols do atacante no Mundial. A reportagem menciona ainda uma “Neymardepêndia” sofrida pelo Brasil e compara o jogador a outros craques da Copa, como Messi, da Argentina, Robben, da Holanda, e até o alemão Müller.

Depois de “Neymar”, do conteúdo relevante para esta análise, o tema que predominou na edição foi “Substitutos”. A semifinal se aproximando e a realização de treinos da Seleção Brasileira trouxeram o assunto à tona. As matérias tratavam das vagas abertas na equipe e, em sua maioria, focavam na dificuldade de Felipão para decidir os substitutos. Embora reconhecendo que o mistério iria até o último minuto, O Globo aponta Willian como o provável escolhido e Paulinho como segunda opção. O atacante Bernard, mais uma vez, é tratado como azarão na corrida pela titularidade. Já os trechos – poucos, por sinal – sobre a substituição de Thiago Silva apontavam a entrada de Dante como certa e positiva. A ausência do capitão, diferentemente do camisa 10, não é lamentada.

Com a aproximação da semifinal, a Alemanha aumentou seu espaço no jornal de terça-feira, totalizando 7% da edição. A seleção alemã foi tema de uma página inteira, sendo metade dela destinada à escolha do uniforme rubro-negro para a partida contra o Brasil. O texto faz piada com a escolha, pois é tratada como tentativa de conquistar apoio do público torcedor do Flamengo, mas o jogo seria em Minas Gerais, terra do Atlético Mineiro, um dos adversários históricos do time carioca. A outra metade da página reproduziu declarações de Bastian Schweinsteiger, capitão da Alemanha, falando da expectativa por um jogo duro, e da comissão técnica alemã lamentando a ausência de Neymar. A área utilizada para falar do treino da seleção europeia é mínima, e, na verdade só menciona os jogadores que não participaram do treinamento.

Citada nas capas geral e do Caderno de Esportes, a torcida na Copa do Mundo também foi tema de destaque. Diferentemente de outras edições, que descreviam a reação dos brasileiros em todo o país durante as partidas, dessa vez o foco foi o público nos estádios. Isso porque o Mundial alcançava a segunda melhor média de público da história, mostrando a concretização do sucesso do evento. O texto ainda exalta o êxito futebolístico, revelando que a Copa 2014 atingiu a segunda maior média de gols e ainda poderia quebrar o recorde de gols de toda a história.

É interessante acentuar uma matéria em especial a respeito do retrospecto da Seleção Brasileira em semifinais. O texto descreve, brevemente, os 10 jogos que o Brasil fez nessa fase em Copas do Mundo, com um ótimo histórico de sete classificações e apenas três eliminações. Não é elaborado nenhum retrospecto alemão, nem em semifinais, nem em Copas do Mundo, deixando o leitor somente com a visão positiva sobre os brasileiros.

4.4 – Edição IV: 08/07/2014

Como era esperado, no dia da partida semifinal entre Brasil e Alemanha a Copa do Mundo dominou a capa geral de O Globo. O Mundial foi responsável por 72% da primeira página, a maior porcentagem entre todos os dias estudados. O jornal trouxe, na parte superior, uma foto da Seleção chegando a Belo Horizonte, local da partida. Na realidade, o ônibus que trazia a equipe é secundário, ao fundo da imagem, o destaque é a recepção da torcida incentivando o time de Felipão a superar as dificuldades. A

manchete, no entanto, é “Sem Neymar, Felipão esconde o jogo”, ou seja, mesmo fora o craque ainda prevalece como principal, até por conta da indefinição de seu substituto.

O jornal traz novamente a charge publicada na capa do dia 6 de julho, mas agora sem Thiago Silva e com a presença de Felipão entre os que correm com a camisa de Neymar. O atacante também é citado em outro destaque, onde O Globo divulga a não punição da FIFA a Zúñiga. A Alemanha aparece na capa pela reclamação do técnico Joachim Löw a respeito de possíveis faltas duras na partida. A outra manchete, na parte inferior da página, é reservada para a prisão de um diretor da FIFA suspeito de fazer parte da máfia de ingressos nas Copas.

Na capa do Caderno de Esportes é possível notar, instantaneamente, que há uma quebra no padrão. Normalmente, a página é composta por uma foto grande ocupando cerca de 80% do espaço, título, subtítulo e três destaques menores embaixo. Na terça-feira, o caderno trouxe uma foto de Willian e Paulinho, os mais cotados para a vaga de Neymar. A imagem somou-se com o título “Entre a ousadia e a cautela” fazendo uma adaptação do “lema” de Neymar: ousadia e alegria.

Logo abaixo veio a parte que chama mais atenção na capa: uma área grande reservada a um poema de Moraes Moreira para Neymar, intitulado “Neymar e o nosso destino” (ANEXO 09, p. 78). Além de alterar o padrão da primeira página, o texto também quebra os padrões de um jornal, que, a não ser em seções culturais, não costuma publicar poemas, muito menos na editoria de esportes e menos ainda na capa. Os versos, obviamente, exaltam Neymar e falam da incerteza do destino.

As três chamadas curtas na barra inferior foram mantidas. A primeira se referia ao temor do técnico da Alemanha em relação às faltas duras no jogo, enquanto a segunda ressaltava a não punição da FIFA ao colombiano Zúñiga. Por fim, é revelada a escolha de um volante para ocupar a vaga de Di María na Argentina.

4.4.1 – Caderno de Esportes

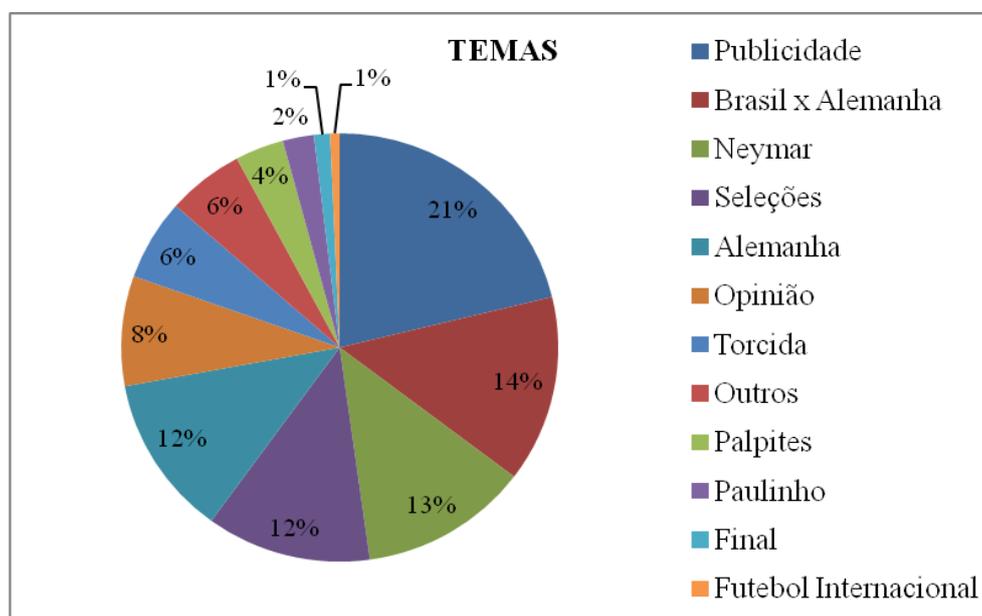


Figura 4: Distribuição de temas da edição de 8 de julho de 2014

No dia da semifinal, naturalmente o tema mais abordado no Caderno de Esportes foi Brasil x Alemanha, que ocupou 14,1% das 12 páginas (Quadro 4, pg. 66). Uma das matérias focadas nas duas seleções, intitulada “Duelo de Gigantes”, destaca a grandeza e tradição das duas equipes, mas comenta sobre uma inversão de papéis. O Brasil teria perdido o “jogo bonito” e implantado um estilo mais duro, enquanto a Alemanha, historicamente mais pragmática, teria introduzido um jogo mais vistoso. No entanto, o texto afirma que os alemães estariam sendo cobrados por mais resultados, apesar de lembrar que a seleção ficou entre as quatro melhores nas últimas quatro Copas.

A reportagem apontava a dificuldade da partida e indicaria até uma vantagem para Alemanha, pois lembra que ela manteve a base da Copa de 2010 e está com mesmo técnico há oito anos; já o Brasil tinha um time recém-formado, com Felipão há apenas um ano no comando e desfalcado de Neymar, seu maior craque. Entretanto, o texto é quebrado por uma nota sobre o humor de Felipão na coletiva e o clima positivo no Brasil.

O jornal publicou ainda, uma matéria pré-jogo, descrevendo o cenário para a partida, mas focada principalmente no Brasil, na ausência de Neymar e em seu

substituto. A reportagem enfatizava que seria o primeiro jogo sem o craque em 18 meses e registrava as possíveis formações táticas do Brasil, todas com Dante na defesa.

Neymar, mesmo fora da partida e longe da Copa há alguns dias, se manteve entre os temas mais presentes, totalizando 12,5% do caderno. O Globo reservou quase uma página inteira para falar da mudança nos materiais publicitários após o corte do jogador, que era o principal garoto propaganda da Copa. Esse tipo de reportagem não é comum em jornais, sobretudo se considerarmos a quantidade de conteúdo que poderia ser explorado em seu lugar. Como em todas as outras edições, a saga da não punição da FIFA a Zúñiga volta à tona em diversas matérias, mas sem ser o foco principal.

Paulinho, candidato à vaga de Neymar, preencheu 2,3% da edição, basicamente por conta de uma matéria que descrevia sua virada na Copa. O texto relata que o jogador começou mal, mas subiu de produção, conquistou papel importante de liderança e acabou se tornando um dos cotados ao time titular contra a Alemanha. O atacante Bernard, escolhido posteriormente, praticamente não foi citado na edição. A entrada de Dante no lugar de Thiago Silva também é dada como certa e a ausência do capitão, novamente, não é lamentada.

Muito por conta de ser o dia da semifinal, a Alemanha foi responsável por 12,1% do jornal, o maior espaço reservado ao tema até então em todas as edições. Um dos conteúdos principais foi uma matéria assinada por Pedro Motta Gueiros que descrevia o crescimento do futebol alemão e a reformulação do esporte após a Copa de 2006 em casa. É fundamental ressaltar que o texto cogitava uma derrota brasileira e dizia que, se ela viesse, deveria ser vista como oportunidade para uma virada no futebol nacional. O jornalista ainda aponta a Alemanha como uma referência para o Brasil em relação ao legado não só estrutural da Copa, mas também no aspecto futebolístico.

Enquanto a reportagem supracitada ocupou meia página, o jornal dedicou uma página inteira às declarações do técnico alemão em relação à arbitragem. A matéria expõe a crítica de Löw ao excesso de faltas no jogo Brasil x Colômbia e a cobrança pela correção do juiz na semifinal. O Globo também trouxe o depoimento do alemão afirmando que gostaria de enfrentar o Brasil com Neymar, mas não acreditava que os desfalques fossem facilitar a partida para eles. Fica claro que a Alemanha nutre um grande respeito pela Seleção e espera uma partida muito complicada.

E se é reservado esse grande espaço a um possível “chororô” alemão, nenhuma matéria se compromete a esmiuçar o time da Alemanha, mostrar seus pontos fortes e fracos, revelar quem são os principais jogadores ou indicar o que seria necessário para o Brasil vencer a partida.

Ademais, dois temas chamaram atenção na edição apesar de não ocupar um grande espaço: Torcida (6,1%) e Palpites (3,6%). O Globo prestigiou bastante a torcida e destinou o rodapé da maioria das páginas para mensagens recebidas pelas redes sociais do jornal. Todas as manifestações eram positivas, com votos de força e encorajamento para a Seleção. Já os Palpites vieram na linha superior das páginas e exibiam pitacos de artistas, atletas, ex-atletas, personalidades e políticos – a maioria, portanto, era de leigos.

O interessante é que, dos 30 resultados “previstos”, 28 apostavam na vitória e dois no empate, ninguém cogitou a derrota. Todavia, os placares mencionados foram todos apertados, a maioria pela diferença mínima de gols, o que indica que, apesar de acreditar na classificação, ninguém esperava jogo fácil. Observa-se que o produto da pesquisa, amplamente favorável ao Brasil, está diretamente ligado a uma consulta restrita a brasileiros, sem a opinião de alemães ou estrangeiros, o que provavelmente resultou numa visão parcial.

4.5 - Edição V: 09/07/2014

Após acachapantes 7 a 1, era esperado que o assunto tomasse conta do jornal. Na publicação de 9 de julho, dia seguinte à goleada, a Copa do Mundo ocupou 100% da capa geral – a única vez em todas as edições pesquisadas –, sendo praticamente tudo referente ao jogo entre Brasil e Alemanha. Logo no topo, O Globo fez uma analogia com a derrota de 1950, apelidada de Maracanazzo, e criou a expressão “Mineirätzen”, agora se referindo ao Mineirão e à língua alemã. Diferentemente do padrão, nesse dia o que chamou mais atenção na primeira página não foi uma foto – que, por sinal, trazia David Luiz desesperado de joelhos no gramado –, mas três palavras em letras garrafais: “Vergonha”, “vexame” e “humilhação” (ANEXO 10, p.79).

No subtítulo, foram ressaltados os cinco gols sofridos em apenas 30 minutos de partida e o resultado final, que se tornou a maior derrota da história da Seleção

Brasileira. Este fato, aliás, viria a ser repetido exaustivamente ao longo da edição. A capa ainda exibiu seis pequenos destaques, as piadas nas redes sociais, o recorde de Klose – que superou Ronaldo como o maior artilheiro das Copas –, a festa da Alemanha, a decepção da torcida brasileira, os xingamentos à presidente Dilma Rouseff e uma novidade em relação à máfia dos ingressos da FIFA.

A capa do Caderno de Esportes, por outro lado, preferiu evidenciar a decepção da torcida. A página foi tomada pela imagem de uma torcedora brasileira, caracterizada para a partida, chorando, representando um sentimento que tomou conta de todo país. No canto superior direito, é sobreposta uma pequena foto da equipe brasileira antes do apito inicial, segurando a camisa de Neymar e com um semblante positivo, o que mostra a diferença das reações antes e depois do jogo. A editoria optou por não trazer termos tão fortes, mas ironizar dizendo que a Seleção fez história. O subtítulo ainda fala em vexame e aponta os “recordes” batidos pelo Brasil. No final, ainda lembra a geração de 1950 e afirma que os jogadores estariam, enfim, redimidos.

4.5.1 – Caderno de Esportes

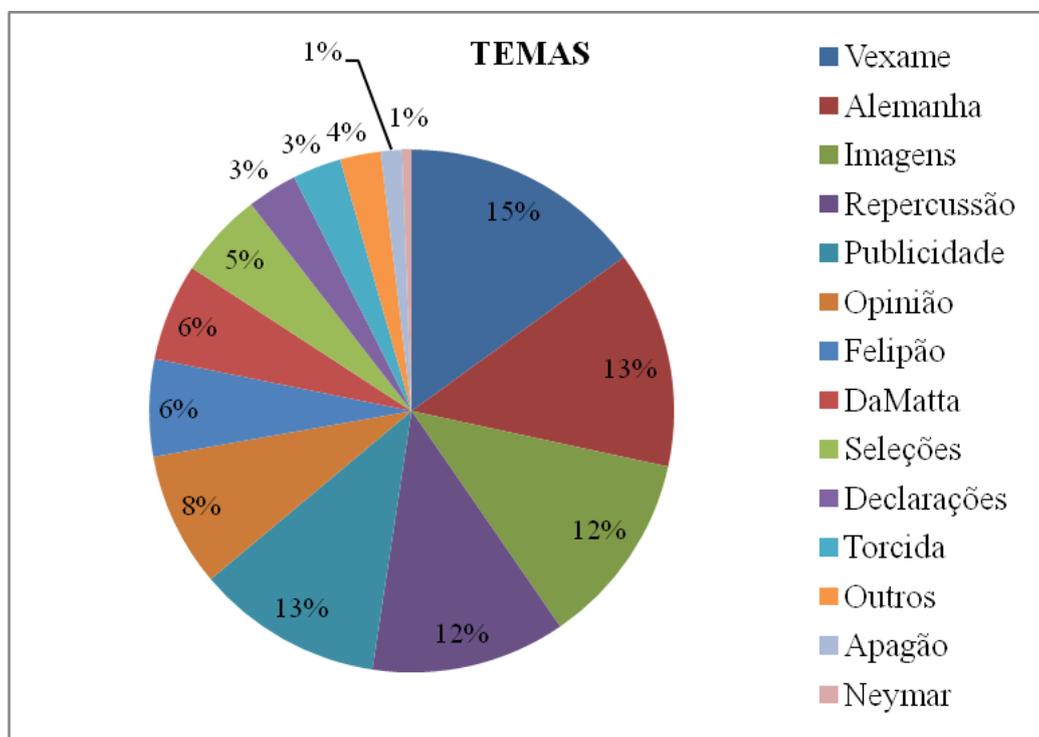


Figura 5: Distribuição de temas da edição de 9 de julho de 2014

Apenas com uma leitura superficial já é possível notar que a edição de quarta-feira tem uma gigantesca diferença em relação às anteriores. Neymar não é, nem de longe, um dos temas principais nas 16 páginas (Quadro 5, pg. 67). Desta vez, o craque preencheu ínfimos 0,6% do jornal, aparecendo como foco apenas em uma matéria que critica a piada feita por um programa de tv argentino a respeito da lesão do jogador. O assunto principal foi, na verdade, o “Vexame”, intitulado assim, pois a partida não é tratada apenas como uma derrota, mas como uma verdadeira humilhação.

O tema foi responsável por duas páginas inteiras da publicação. Uma delas aproveita para fazer um paralelo com a Copa de 50, afirmando que a goleada alemã mostrou como a derrota naquele ano foi honrosa e comparando a perseguição sofrida por Fred à condenação de Barbosa. O texto ainda menciona a “ilusão do hexa” e dá a entender que todos acreditaram em algo que não era possível, já que o Brasil não jogou bem da primeira à última partida. Também são apontados os maiores vexames da história da Seleção, sendo o 7 a 1 o “primeiro colocado”.

A reportagem sinaliza a decadência do futebol brasileiro por conta da obsolescência da CBF, que teria tentado construir o futuro olhando para o passado, inclusive por conta da escolha por Felipão e Parreira. Os dois, por sinal, são foco de críticas e acusados até de uma suposta ligação com o regime militar, que é trazido à tona porque 64 era o tempo entre as duas Copas no Brasil e também o ano do golpe no Brasil.

A outra matéria de página inteira foi a crônica pós-jogo, com o título “Desonra amarela”. Mais uma vez é lembrado que a Seleção fez história, além de ter sido “atropelada”, escrito a “página mais indigna de sua história” por “devastadores 7 a 1” em um verdadeiro “baile”. O texto também enumera a “pororoca de recordes”: maior derrota de um anfitrião na Copa, maior derrota em uma semifinal da competição e maior quantidade de gols sofridos por uma seleção em um só jogo nas 20 edições do torneio.

O técnico Luiz Felipe Scolari é apontado com o principal culpado pelo resultado, mas os jogadores também não são poupados de críticas. Isso pode ser notado no quadro com as notas e atuações, que traz algumas avaliações duras como Julio César “soterrado”, Maicon “atropelado”, Dante “perdido”, David Luiz “atarantado”, Bernard “equivocado”, Fred “trágico” e Felipão “vencido”. A propósito, todos os brasileiros receberam nota zero, do goleiro ao treinador.

Ainda no texto, O Globo classifica a Alemanha como “virtuosa”, “majestosa” e “incrível”, características poucas citadas nas edições anteriores à partida. No quadro de atuações apareceram palavras como craque, terror e lenda, sendo a menor nota seis para Draxler, que entrou no fim do jogo e pouco pode fazer. A reportagem destaca o recorde de Klose e, no final, fala que Barbosa poderia descansar em paz.

É imprescindível mencionar que há um erro de apuração no texto. O jornalista Aydano André Motta fala que Neymar era o único desfalque do time, quando na verdade, Thiago Silva, capitão da equipe, também não participou do confronto. No entanto, isso apenas reflete um esquecimento já demonstrado diversas vezes nas edições anteriores.

Depois de um resultado como esse, não era mais possível não dar um grande destaque para a Alemanha, o que levou a equipe a conquistar o maior espaço em todas as edições estudadas: 13,4%. Uma das primeiras matérias focadas no time de Löw ressaltou a surpresa dos alemães com a facilidade encontrada. O texto traz declarações da seleção reconhecendo a boa partida, mas afirmando que o pânico brasileiro ajudou. Eles ainda dizem que não esperavam nada assim e pregam humildade para a partida final, pois o objetivo era conquistar o título.

O Globo traz uma reportagem de página inteira para detalhar a receita de sucesso da Alemanha depois da Copa de 2006 em casa, quando iniciou uma reestruturação em seu futebol. A matéria fala da geração preparada a longo prazo, com um técnico há anos no comando e investimento nas categorias de base, priorizando a qualidade técnica dos jogadores. Segundo o repórter, por conta desse planejamento, a Alemanha encontrou e desenvolveu vários talentos, como Müller, Podolski, Özil e Lahm, que passaram a compor a seleção titular e o time reserva, não sendo limitada a apenas um talento, como o Brasil de Neymar. Também é lembrado o entrosamento do time, formado pela base do Bayern de Munique e principalmente por jogadores da Liga Nacional, diferentemente do Brasil. Ou seja, a Alemanha é apontada como um exemplo claro para o Brasil e que tem muito a ensinar para o futuro do nosso futebol. Aliás, a matéria alega que a presença de Dante, apontado como conhecedor do futebol germânico, não adiantou nada.

A coluna “Planeta que Rola”, por sua vez, fala da escrita favorável aos alemães na final, destaca que a equipe já estava acostumada a golear, aponta um favoritismo ao título e ressalta o recorde de Klose.

Por ter sido um episódio inédito, O Globo reservou duas páginas para imagens relacionadas ao jogo, totalizando 12% da edição. A primeira foto era da arquibancada do Mineirão vazia após o fim da partida, apenas com uma máscara de Neymar. Também foram estampadas fotos de torcedores brasileiros desesperados, espantados e incrédulos com o resultado, além da torcida alemã festejando. Duas fotos eram de dentro do gramado, uma com Schweinsteiger comemorando ao final da partida e a outra, a maior das páginas, mostrava Fernandinho abatido e agarrado na rede do gol, com outros jogadores ao fundo olhando sem acreditar.

Outro tema que ocupou o mesmo espaço das imagens foi “Repercussão”, com a reação da imprensa diante da partida. Uma das reportagens fala da repercussão internacional do 7 a 1, com uma piada do jornal argentino Olé, comemoração dos diários alemães e surpresa da imprensa internacional. É possível notar termos fortes como “esmagado”, “humilhado”, “desonra”, “agonia” e “até morte do futebol brasileiro”, mas a maioria das palavras citadas pelos veículos estrangeiros já haviam sido encontradas na edição do próprio Globo. O jornal ainda reserva uma matéria para falar exclusivamente da imprensa alemã, que falou em êxtase e até sétima maravilha para se referir à vitória.

Ao longo de toda a edição é possível notar que O Globo responsabilizou e culpou o técnico Luiz Felipe Scolari pela derrota. Porém, uma reportagem foi destinada especificamente a indicar os erros do comandante e explicar porque ele seria o culpado pela derrota. Ainda que admita ser responsável pelo resultado, Felipão afirma não ter errado ao optar por Bernard no time titular, diferentemente do que o jornal insinua. A matéria também ressalta que, perguntado sobre praticamente não ter treinado a formação utilizada no jogo, o técnico afirmou que foi uma tática para confundir Joachim Löw. O Globo, no entanto, debocha ao dizer que ele acabou confundindo o próprio time.

A reportagem explica taticamente a partida e demonstra, com ilustrações, os espaços deixados pelo time brasileiro em campo e que foram aproveitados pela Alemanha. A explicação é fundamental para esclarecer os motivos que levaram à

goleada, porém era importante que o jornal tivesse feito essa análise mais minuciosa antes da partida, mostrando os perigos que o adversário apresentaria. É mais fácil, no entanto, falar depois da tragédia concretizada.

O Globo publicou ainda uma entrevista com o antropólogo Roberto DaMatta, algo incomum no jornal. Porém, diante de um resultado tão inesperado, o jornal acabou recorrendo a um especialista para tentar conseguir uma explicação, transcendendo o futebol apenas como esporte. DaMatta, profundo conhecedor da história brasileira e já citado neste trabalho, fala que a partida poderia ter consequências políticas e desmente que o futebol seria o ópio do povo. O consolo para o leitor vem no final da entrevista, quando DaMatta garante que o Brasil saiu fortalecido da competição mesmo com os problemas futebolísticos.

Se na edição anterior o destaque na parte superior da página eram os palpites para o jogo, na quarta-feira o jornal optou por trazer diversas declarações, totalizando 3,1% da publicação. Jogadores, ex-atletas, personalidades, artistas e até a presidente Dilma Rousseff foram “ouvidos”, mas, diferentemente do outro dia, não apareceram apenas brasileiros. O jornal também trouxe a fala de jogadores, técnico e ex-atletas da Alemanha.

A torcida também ganhou destaque em O Globo, preenchendo 3% das páginas. Uma das matérias sobre o assunto falava da torcida presente no Mineirão, que antes do apito inicial cantou o hino nacional à capela e homenageou Neymar, mas no fim do primeiro tempo, com 5 a 0 no placar, começou a xingar a presidente Dilma e a vaiar Fred.

Uma outra reportagem aborda as reações opostas diante do resultado. Isso porque a torcida, apesar de ter ficado desolada e decepcionada com o jogo, preferiu levar o acontecimento com bom humor. Segundo o texto, as brincadeiras que tomaram conta das redes sociais foram o modo de os brasileiros de superarem a humilhação. O jornal ainda reservou uma página para descrever a festa da torcida alemã, que tomou conta das ruas do país como se fosse um verdadeiro carnaval. A matéria traz ainda declarações de pessoas dizendo que nem em sonho esperavam algo assim e aproveita para provocar Felipão e jogadores com depoimentos de alemães elogiando a equipe nacional e criticando a brasileira.

Muito se falou que o resultado de 7 a 1 foi em decorrência de um “apagão” na Seleção Brasileira. O Globo, contudo, reservou uma nota para criticar essa alegação, condenando o uso do termo nas declarações dos jogadores. Segundo o jornal, a derrota poderia trazer algo de bom e estimular as mudanças necessárias para o nosso futebol, mas os jogadores preferiram classificar o episódio como atípico, sem reconhecer que haveria algo maior por trás. No final do texto, ainda há uma indagação se a presença de Neymar faria diferença, o que é negado pelo volante Paulinho. O interessante é que o principal problema do Brasil na partida foi a defesa, que sofreu sete gols, mas em nenhum momento é cogitado se a presença de Thiago Silva mudaria alguma coisa.

4.6 – Panorama geral da análise

Os textos e dados analisado mostram que, nos dias anteriores à semifinal, o jornal reservou a maior parte de seu espaço a falar sobre Neymar, principal jogador da Seleção, mas que havia sido cortado da Copa do Mundo após contundir-se nas quartas de final. A repetição exaustiva de notícias a respeito do craque implicou numa quase omissão de outros aspectos que seriam mais relevantes para a cobertura jornalística, supostamente responsável por divulgar visões diversificadas e explorar o conteúdo disponível. Levando em consideração que a mídia tem influência direta na percepção do público diante dos acontecimentos, pode-se inferir que o jornal contribuiu para a intensificação do foco sobre o atacante.

Vale ressaltar que este trabalho de forma alguma nega a relevância da lesão de Neymar. É evidente que o fato é de extrema importância no quesito futebolístico e jornalístico, já que o jogador era o maior craque da Seleção Brasileira e acabou fora do Mundial de maneira inesperada. O que se questiona é a forma como O Globo retratou o assunto. Pelos critérios de noticiabilidade do jornalismo, era esperado que a lesão e o corte do jogador fossem assunto principal da edição de 5 de julho – dia após o episódio – por ser algo recente e inusitado.

Imaginava-se também que o tema “Neymar” fosse perdendo forças ao longo das edições, pois o jogador não iria participar da partida seguinte e já não havia mais nenhuma novidade em relação ao assunto. A área ocupada pelo craque no jornal até foi

diminuindo¹⁰, mas ele se manteve entre os assuntos mais comentados e recebeu – nos quatro primeiros dias – espaço superior ao dado para a Alemanha, por exemplo.

Essa superexposição do camisa 10 pode ser melhor entendida quando lembramos que tradicionalmente a imprensa esportiva constrói sua cobertura em cima de ídolos. Construir narrativas em cima de personagens é uma estratégia do jornalismo em geral e na cobertura do futebol eles são tratados como os heróis ou vilões das partidas. Mesmo sendo um esporte coletivo, é comum encontrar reportagens sobre futebol com o enredo baseado no individual, em um jogador em especial.

A dificuldade de O Globo lidar com a perda da referência de Neymar foi nítida, principalmente quando o jornal tentou encontrar algum personagem para preencher essa lacuna. No primeiro momento o eleito foi David Luiz, exageradamente exaltado depois da partida contra a Colômbia; depois passou a ser Oscar, o novo candidato a protagonista, e chegou até Paulinho, que teria dado uma volta por cima durante a Copa do Mundo.

Porém, repetidamente, O Globo frisou que seria impossível achar alguém à altura de Neymar e talvez isso explique o espaço reduzido que foi dedicado ao tema “Substitutos”. Mesmo reconhecendo que a ausência do craque seria péssima para a Seleção, o jornal não se propôs a dar grande destaque para a busca de alternativas ou análise das melhores possibilidades. No fim das contas, a saída de Neymar foi muito mais explorada do que a entrada de outro jogador. Aliás, o pequeno espaço ficou praticamente restrito a Willian, o favorito para O Globo, enquanto o atacante Bernard, que acabou sendo o titular, raramente foi cogitado.

A outra vaga aberta era na zaga, mas pelas edições estudadas parece que o veículo carioca esqueceu desse pequeno detalhe. A ausência de Thiago Silva foi realmente esquecida – como na matéria de Aydano Motta – e sequer lamentada, mesmo se tratando de um jogador já eleito o melhor zagueiro do mundo, enquanto a entrada de Dante foi exposta como positiva, sem lembrar que seria necessário inverter David Luiz de posição. Outro ponto interessante é que Thiago Silva, além de titular absoluto do Brasil, também era o capitão da equipe, mas nem a falta do líder do time em campo é lastimada. Ironicamente, Thiago acabou sendo escolhido para a Seleção da Copa do

¹⁰ A única exceção foi a edição de 6 de julho, quando Neymar preencheu incríveis 37,5% do jornal. No restante dos dias, o espaço dedicado ao jogador foi caindo, de 20% no dia cinco, para 12,8% em sete de julho, 12,5% na edição seguinte e finalmente em 0,6% na última publicação estudada.

Mundo FIFA 2014, prêmio que ele provavelmente não teria conseguido se estivesse em campo nos 7 a 1.

Com a maioria das páginas direcionadas para Neymar, O Globo acabou desviando a atenção daquilo que era mais significativo: a Alemanha. Ao manter o foco no jogador, o jornal “esqueceu” de fazer uma reflexão mais crítica e analítica sobre a próxima adversária do Brasil. Os então tricampeões foram mencionados em poucas oportunidades e, na maior parte delas, de forma breve e superficial. É verdade que o espaço foi aumentando ao passar dos dias, mas sem muita qualidade.

As matérias a respeito da equipe alemã tratavam, em grande parte, de outros aspectos que não os relacionados ao campo e jogo. Falou-se sobre o uso do uniforme rubro-negro, reclamações da arbitragem, felicidade de estar no Brasil, mas nenhuma reportagem – sim, nenhuma – detalhou o time, esquema tático, jogadores ou apontou pontos fortes e fracos da equipe. Não foi mencionado o que seria preciso para o Brasil vencer, nem mesmo na crônica pré-jogo.

Somente depois do 7 a 1, quando a tragédia já estava consumada e não era mais possível evitar o tema, a seleção europeia foi receber importância maior que Neymar no jornal. Só então O Globo reconheceu, de fato, as qualidades da Alemanha, até exagerando no uso e na intensidade de adjetivos positivos, em contraponto aos fortes termos escolhidos para falar do Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muitos anos, o futebol no Brasil deixou de ser apenas um esporte para se tornar uma expressão cultural e social. A Seleção Brasileira, que completou seu centenário em 2014, se tornou uma ferramenta fundamental de unificação e identidade nacional. O pentacampeonato mundial elevou o Brasil ao topo – lugar dificilmente atingido em outros quesitos – e é motivo de orgulho para a população. Pela importância dada ao futebol no país, algumas derrotas também foram sofridas como verdadeiras catástrofes, como a da Copa do Mundo de 1950.

Em 2014, no entanto, o Brasil teria a chance de reescrever a história e vingar aquela derrota para o Uruguai. Não foi bem assim. Mineirão, 8 de julho de 2014: Brasil 1x7 Alemanha. O maior revés da centenária Seleção Brasileira. A partida ficou marcada no futebol mundial e se tornou um “prato cheio” para a imprensa. Por meio deste trabalho buscou-se compreender melhor como foi a trajetória da cobertura de O Globo nos dias antecedentes ao resultado tão inesperado.

Durante o período estudado, foi possível observar o frágil limite entre dois extremos propostos por Nelson Rodrigues como o “Complexo de Vira-latas” e a “Pátria de Chuteiras”. Da mais intensa desconfiança sobre a organização da Copa do Mundo, a cobertura do jornal saltou para um exaltação patriótica – principalmente após o jogo contra a Colômbia – e depois sucumbiu à decepção com o massacre alemão. Luiz Felipe Scolari passou pelo mesmo processo, pois foi de elogios após a partida contra a Colômbia à “crucificação” após o jogo contra a Alemanha.

As críticas vieram principalmente após a partida, apontando problemas que não haviam sido citados anteriormente. Não se questiona a surpresa pelo placar, mas a rápida mudança na linha editorial, que foi do patriotismo exacerbado ao quase linchamento público. A Seleção Brasileira passou a ser representada com um estereótipo de equipe fracassada, assim como os jogadores e a comissão técnica. Mas essa história não é novidade na imprensa brasileira.

A trajetória da mídia na Copa de 50, citada neste trabalho, se assemelha muito ao que aconteceu no Mundial de 2014. O erro da imprensa de esquecer o jogo final em 1950, foi repetido pelo Globo neste ano. Obviamente foi de maneira diferente, já que a vitória não era apontada como certa, mas, assim como os veículos em 1950, o jornal

acabou deixando a partida em segundo plano. Os olhares estavam todos voltados para Neymar, enquanto a Alemanha e a semifinal foram deixadas de lado.

Outra característica da cobertura da imprensa na Copa de 50 foi repetida em 2014: a busca por culpados. No primeiro Mundial realizado no Brasil, o responsável por carregar o fardo da derrota durante toda a vida foi Barbosa. Neste ano, o “bastão” foi passado para os jogadores da Seleção – exceto Neymar –, principalmente Fred, e o técnico Felipão. Segundo O Globo, Barbosa estava finalmente livre, mas não pelo fim da maldição e sim porque ela passaria de mãos.

A tentativa de personificação da culpa reduz a discussão sobre os motivos que levaram a um resultado tão catastrófico. Obviamente, um placar desses entre equipes tradicionais durante uma Copa do Mundo não é facilmente explicado e nem tem respostas simples, mas é possível alinhar uma série de motivos que levaram ao desastre. No entanto, o que foi explorado editorialmente foi o episódio em si, o fracasso, o vexame e os recordes negativos. Os porquês, a procura por explicações, a análise das causas, foram secundárias.

Entende-se que seria mais relevante suscitar uma discussão sobre a atual formatação do futebol brasileiro, a CBF e o enfraquecimento dos campeonatos nacionais. Isso porque o 7 a 1 já estava feito e não tinha como modificar o passado, mas ainda é possível e primordial repensar ao futebol brasileiro como um todo, desde as categorias de base até o profissional.

Vale destacar que, apesar desta pesquisa se restringir a O Globo, a postura de focar em Neymar e esquecer todo o resto foi da mídia em geral. O questionamento é que, assim como outros veículos de comunicação, o diário carioca acabou deixando questões essenciais de lado, o que não condiz com o papel jornalístico.

Portanto, o objeto deste trabalho foi de compreender melhor a cobertura de O Globo, mas é evidente que o assunto está longe de ser esgotado. A intenção é de contribuir para a análise do tema e estimular novas investigações, não só do jornal carioca como de outras publicações e períodos distintos. Assim como a mídia na Copa de 50 é estudada até os dias de hoje, certamente o Mundial de 2014 apresenta diversos aspectos e nuances com potencial de exploração e que ainda devem render pesquisas por muitos anos.

REFERÊNCIAS

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou Morrer: Futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ, MAUAD, 2002.

BARDIN, Laurence. *Análise do conteúdo*. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. GUARESCHI, Pedrinho A. (Trad.). 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003, p. 189-217.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CARRILHO, Felipe D. *Futebol uma janela para o Brasil: as relações entre o futebol e a sociedade brasileira*. São Paulo: Nova Espiral, 2010.

COSTA, Luciano M. *Chega de chororô*. 2014. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/chega_de_chororo. Acesso em 7 de outubro de 2014.

_____. *Explicando o inexplicável*. 2014. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/explicando_o_inexplicavel. Acesso em 7 de outubro de 2014.

_____. *Uma imprensa pequena para uma grande Copa*. 2014. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_imprensa_pequena_para_uma_grande_copa. Acesso em 7 de outubro de 2014.

CUNHA, Loris B. *A verdadeira história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Publicitária, Comunicação e Marketing, 1993.

_____. *O Brasil nas copas do mundo*. Rio de Janeiro: Maanaim, 2002.

FARRUGIA, Beatriz et al. *1950: O preço de uma Copa*, São Paulo: Letras do Brasil, 2013.

FERREIRA, Berta W. *Análise de Conteúdo*. Aletheia: Revista do Curso de Psicologia, Canoas, n. 11, 2000.

MORAES NETO, Geneton. *Dossiê 50*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

MOREL, Marcia et al. *A construção imagética das conquistas das Copas do Mundo de futebol no Jornal O Globo*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, v. 8, n. 1, p. 82-110, jan./abr. 2013.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. São Paulo: L&PM, 1986.

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: história da imprensa esportiva no Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

IMPRESSOS

A GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 4 de julho de 1908.

MUNDO ESPORTIVO, São Paulo, edições de 14 e 21 de julho de 1950.

O GLOBO, Rio de Janeiro, edições de 5, 6, 7, 8 e 9 de julho de 2014.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 9 de julho de 2014.

EXTRA, Rio de Janeiro, 9 de julho de 2014.

WEBSITES

O Globo Online: <http://www.oglobo.com>

Observatória da Imprensa: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>

Hemeroteca Digital Brasileira: <http://hemerotecadigital.bn.br/>

APÊNDICE

Quadro 1: Matérias da edição de 5 de julho de 2014

CATEGORIA	ESPAÇO	TÍTULOS
Neymar	20%	Uma pancada no Brasil
		O time sem ele - O pesadelo
		Messi manda mensagem a Neymar no Facebook
		Fratura da vértebra - Uma dor intensa
		Espanha fracassa até na arbitragem de Carballo
		Não é de hoje - 'Caçaram o Neymar'
Publicidade	18,50%	
Seleções	12,70%	Craque é consolado por brasileiros no fim
		Colômbia critica juiz e agradece ao time
		Shakira 'chora' eliminação colombiana
		Para Deschamps, experiência fez a diferença
		Mi casa, su casa' - Messi é 'brasileño'
		Geração de ouro' da Bélgica sem medo da bicampeã Argentina
		De volta a Salvador - Casa Baiana
		As flâmulas da final já chegaram
Torcida	11%	Pelé na torcida pela seleção no Twitter
		Alegria e calor - Euforia amarela
		Autoridades na plateia
		Aguenta coração - Faltam dois
Zaga	9,10%	Zaga faz a diferença e marca os gols na vitória por 2 a 1
		Novo significado - Arre pia, zagueiro
		O herói e o capitão - Nos braços dos fãs

Opinião	7%	O Brasil de um tempo só
		Brasil na semifinal. Mas dá pra sonhar sem Neymar?
		Panorama Esportivo
		Pensamento mágico
Futebol Internacional	6,10%	Nada de treinos
		Rivellino posa com fã
		Goleiro chileno Bravo é o novo reforço do Barcelona
		Ingleses disputam o passe do chileno Sanchez
		Nigéria sob ameaça de ser banida do futebol
		Governo de Gana investiga fiasco de sua seleção
		Antes prestigiados, agora desvalorizados
Alemanha	5,70%	Adversário por vaga na final será a Alemanha
		Schweinsteiger torce para o Brasil vestido de Fla
		Gigante - Rotina alemã
		Chucrute rubro-negro
Substitutos	4,80%	Paulinho deve ficar com a vaga do craque
		No lugar de Neymar - Substitutos
		Alemanha - inimiga íntima de Dante
Outros	3,60%	Felipão' dinamarquês
		Tabela
		Jornal de Buenos Aires critica estádio de Brasília
		Cristiano Ronaldo troca a bola pelo sol da Grécia
		Destaques na TV
Outros esportes	1,50%	E mais

Quadro 2: Matérias da edição de 6 de julho de 2014

CATEGORIA	ESPAÇO	TÍTULOS
Neymar	37,5%	Até breve - Neymar se despede
		Barba, cabelo e bigode
		Desabafo do craque - 'Meu sonho não acabou'
		Um caso de amor e dor com o Brasil
		O dia seguinte - Livre para torcer
		Colombiano posta mensagem de apoio
		Recado de quem passou pelo mesmo drama
		Recuperação em casa - Apoio ao ídolo
		Roberto Carlos diz que país todo sofreu com Neymar
		No videotape - Decisão pós-jogo
		Campeões do mundo lamentam lesão de jogador
		Corte da estrela da seleção brasileira é assunto na imprensa internacional
		Para Luísa Parente, corte unirá ainda mais a Seleção
		Abraço portenho - Inimigo Solidário
		Hernane lembra lesão na coluna: 'Deitava no chão'
		Dilma cita slogan do governo em mensagem a jogadores
		Em nome de Neymar - Todos por um
		Amarildo aponta benefício na mudança
		Guga para Neymar: 'Sua alegria continua entre nós'
		Um 'É tóis' para o craque que deixou o grupo
A solidariedade de Ronaldo pelas redes sociais		
Alemão Podolski diz que está triste por Neymar		

Publicidade	21,8%	
Seleções	11,9	Bogotá espera 'Los Cafeteros' com festa
		Holanda sofre e só bate Costa Rica nos pênaltis
		Argentina vence a Bélgica e leva a vaga
		Só vitórias - Sem susto
		Mão santa - Goleiro só para pênaltis
Opinião	8,1%	Indiferença da FIFA com arbitragem
		Neymar será como 'El Cid'. E seu topete, nosso penacho
		Que Copa é essa?
		A 'seleção' e a 'seleção concessionária' (cheia de volantes)
		Aprendizado
Outros esportes	6,8%	
Alemanha	4,1%	Agridoce - Todos os lados
Outros	3,4%	Sem brilho
		Tabela
		Mais uma notícia triste: morre o avô do lateral Marcelo
		Destaques na TV
Oscar	3,1%	Oscar, candidato a protagonista na seleção
		Protagonista - Troca de papéis
David Luiz	2,2%	Liderança - Vice-capitão
Substitutos	1,1%	Willian deixa treino após choque com Hernanes
		Djalminha pede Bernard na vaga de Neymar

Quadro 3: Matérias da edição de 7 de julho de 2014

CATEGORIA	ESPAÇO	TÍTULOS
Publicidade	16,7%	
Seleções	16,7%	Argentina tenta recuperar Di Maria para possível final
		A lição de Hazard
		Capitão belga leva boas recordações
		Pela FIFA, Benzema é o melhor das quartas
		Imagens do fim de semana
		Pegadinha à holandesa - Sai que é sua, Krul
		Maradona agora está otimista com seleção
		Esperança - Só se for à final
		Sensação da Copa vive dias de pop star
Neymar	12,8%	Dói no coração'
		Em números - A falta que ele nos faz
		Blatter é cobrado a punir Zúñiga
		Fator Neymar - Astro onipresente
Outros	14,2%	Pelada padrão FIFA
		Tabela
		Guerra fria - Desafio à FIFA
		Fred lamenta a morte do ídolo Assis
		Cuiabá com orgulho da Copa
		Rihanna torcerá por seus 'garotos holandeses'
		Há 50 anos
		Destaques na TV
		Obituário - Assis. Ex-jogador do Fluminense
		Brasileiro - Kaká é recebido com festa no retorno ao São Paulo

Outros esportes	9,7%	Vôlei
		E mais
		Pit Stop
		Tênis
		Fórmula-1
Substituto	9,1%	De olho na vaga
		Willian apresenta credenciais para substituir Neymar
		Felipão vai manter o mistério até o último minuto
Alemanha	7,6%	Alemanha vai usar camisa rubro-negra contra o Brasil
		Probleminha de endereço - Sabe de nada, Alemão
		Mexicano será o juiz de Brasil e Alemanha
		Schweinsteiger: 'Preferia o Brasil na final'
Opinião	6,7%	A arte de vencer sem fascinar
		A covarde teoria de uma bola só
		Milagre
Torcida	3,5%	Mundial já tem segunda maior média de público
		Casa cheia - Segunda melhor média
Retrospecto	3%	Um conjunto de épicos rumo à grande final

Quadro 4: Matérias da edição de 8 de julho de 2014

CATEGORIA	ESPAÇO	TÍTULOS
Publicidade	21,2%	
Brasil x Alemanha	14,1%	Entre a ousadia e a cautela
		Nova formação - Estreia sem o camisa 10
		Duelo de gigantes - Inversão de papéis
Neymar	12,5%	Poema
		FIFA não pune joelhada do colombiano Zúñiga
		Charge
		A propaganda é a alma da solidariedade
		FIFA diz que não tem como punir Zúñiga
Seleções	12,2%	Na Argentina, volante no lugar de Di María
		Correção
		Mudanças - Volta à defesa
		Meninos do Rio' se despedem da praia
		Di Stéfano, aos 88 anos - 'O mais completo de todos'
Alemanha	12,1%	Técnico alemão teme 'faltas duras' do Brasil
		Brasil se nega a jogar'
		Rival e referência - Eu sou você amanhã
		Proteger os jogadores' - Pressão no juiz
Opinião	8,3%	A História por linhas tortas
		Qual será, afinal, o time do Brasil sem Neymar?
		Sol em Câncer favorece o escorpiano Felipão
		Hipóteses
Torcida	6,1%	Torcida dá força pelas redes sociais do Globo
Outros	5,7%	Tabela
		Com ou sem vaia
		Destaques na TV
		Há 50 anos
		Clubes
Palpites	3,6%	Qual será o placar?
Paulinho	2,3%	A maior virada do solidário Paulinho
Final	1,2%	Não tem mais bobo
Futebol Internacional	0,7%	'Cafetero' de ouro

Quadro 5: Matérias da edição de 9 de julho de 2014

CATEGORIA	ESPAÇO	TÍTULOS
Vexame	15%	Brasil 1x 7 Alemanha
		Duro golpe 64 anos depois - Em escombros
		Pororoca de recordes - Desonra amarela
Alemanha	13.4%	Adversários admitem sua surpresa com atuação apática dos brasileiros
		Planeta que rola
		Planejamento e diversidade - Lição germânica
		Históricos 7 a 1 - Noite de euforia
Imagens	12%	Cenas de um dia histórico - Riso e choro
Repercussão	12%	Os dois lados da derrota
		Imprensa alemã celebra 'milagre' e 'êxtase' da vitória
		Repercussão - Impacto em todo o mundo
Publicidade	11.5%	
Opinião	8.3%	Uma única saída: ressuscitar
		Charge
		A vergonha das vergonhas na Copa das Copas
		A culpa é do psicológico
		Normal, até que...
Felipão	6%	Um técnico anestesiado - Palavras ao vento
DaMatta	6%	Entrevista - Roberto DaMatta
Seleções	5.3%	Planeta que rola
		No Itaquerão - Poder de decisão
Declarações	3.1%	
Torcida	3%	Na arquibancada - Sobrou a bronca
Outros	2.5%	Tabela
		Há 50 anos
		Destques na TV
Apagão	1.3%	Após o vexame, a superficialidade
Neymar	0.6%	Piada sem graça

FOOT-BALL AMAVEL

A simples visita de uma turma de "foot-ballers" argentinos a S. Paulo, onde se empenharam numa sensacional partida desse interessante "sport", está-se convertendo em amavel troca de gentilezas entre argentinos e brasileiros. E'ahi está a facilidade com que estouram e desaparecem as bolhas de sabão sopradas por políticos que não baseiam a sua acção nos legítimos sentimentos de seus compatriotas.

Demos, portanto, ao facto a importância que elle tem realmente. A cada "goal" conquistado pela pericia dos "sportsmen" de lá e de cá corresponde mais uma demonstração de que esses accessos sporadicos e zeballistas de malquerença não conseguem destruir os sentimentos mutuos de paz com que cada um dos dous povos trabalha para o seu engrandecimento.

De S. Paulo a "equipe", como se diz usando a tecnologia propria, virá ao Rio e aqui os "sportsmen" argentinos, **alguns dos quaes viajam**

com suas familias, terão o mesmo affectuoso acolhimento que lhes dispensou a capital do progressista Estado. E, pôis, "hurrah" por essa visita, que talvez seja a primeira de uma serie proveitosissima para ambos os paizes.

Capa do jornal A Gazeta de Notícias em 04/07/1908¹¹.

¹¹ A Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 4 de julho de 1908.

ANEXO 02



Capa da revista Mundo Esportivo em 14/07/1950¹².

¹² Mundo Esportivo, São Paulo, 14 de julho de 1950.

ANEXO 03

• O JORNAL MAIS ANTIGO EM CIRCULAÇÃO NA AMÉRICA LATINA - 168 ANOS DE CREDIBILIDADE

DIÁRIO de PERNAMBUCO

FUNDADOR DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS, ASS. CHATELAINARD

QUARTA-FEIRA Recife, 9 de julho de 2014 N.º 190 >> diariodepernambuco.com.br

Barbosa, descanse em paz

Moacir Barbosa Nascimento, goleiro do Brasil na Copa de 1950, morreu no dia 7 de abril de 2000 carregando para seu túmulo uma injusta culpa pela derrota contra o Uruguai no Maracanã. Uma decepção que, pensava-se, jamais seria repetida. Infelizmente, aconteceu. E foi pior. A goleada de ontem envergonhou a nação, mas redimiu Barbosa.



O PIOR DIA DO FUTEBOL BRASILEIRO



Não foi a derrota para a Alemanha que chamou atenção, mas sim a forma chocante como ela aconteceu. Uma goleada de 7 a 1 com o time brasileiro totalmente perdido em campo, abatido, dominado por uma equipe disciplinada taticamente e psicologicamente equilibrada. De quebra, Klose marcou um e quebrou recorde de gols de Ronaldo em Copas do Mundo.

SUPERESPORTES CL & Cx e EM FOCO RJ

ISSN 1807-3029

Integrale o QR code em todo o acesso a página de site para fazer a sua assinatura do Diário

assinaturas: 3320.2020 (capital) 0800 2818822 (interior)

comercial: (81) 2122 7888

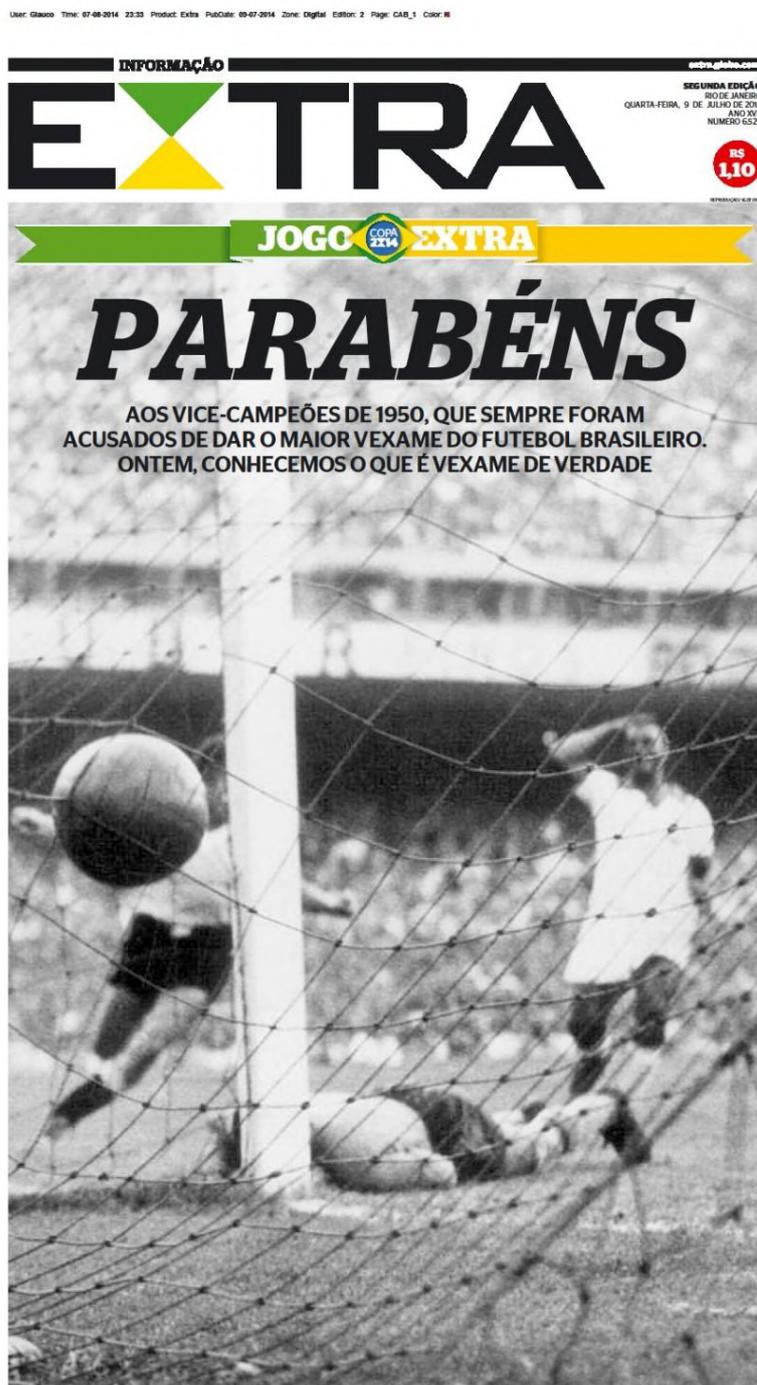
classilider 3419 9000 classilider@diariodepernambuco.com.br

por uma prática sustentável, recicle o seu

Capa do jornal Diário de Pernambuco em 09/07/2014¹³

¹³ Diário de Pernambuco, Recife, 9 de julho de 2014.

ANEXO 04



Capa do jornal Extra em 09/07/2014¹⁴.

¹⁴ Parabéns. Extra, Rio de Janeiro, 9 de julho de 2014..

ANEXO 05

Sexta-feira, 21 de Julho de 1950

MUNDO ESPORTIVO

— 7 —

DRAMA, TRAGEDIA E RIDICULO!

Com a vitória de Uruguai, encerrava a disputa do IV Campeonato Mundial de Futebol. Virou-se a última página do vicioso drama que se desenrola a zombaria dos brasileiros e agora, passando os minutos instantâneos de euforia e decepção, podemos analisar, finalmente, as causas que determinaram a dolorosa tragédia do futebol brasileiro. Não temos o propósito de desmentir o frêdo uruguiano, que foi facilmente indubitável. Não temos nem o intuito de fazer este ou aquele. Viamos, antes de tudo, apurar os erros que produziram as consequências e a realidade de hoje. Não nos fazemos mais do que repetir o que se repetiu em outras épocas, para que não se repita. Não nos fazemos mais do que repetir o que se repetiu em outras épocas, para que não se repita.

DEZ ERROS CAPTAIVAS
 Primeiro, após a comemoração dos erros capitais:

1 — **MAU CRITÉRIO NA CONVOCACAO** — Armado com a ajuda de dois nomes de alto nível, Flávio Costa escolheu um mau critério na convocação dos jogadores, sem que a imprensa fosse dada a entender. Houve um desajuste que prejudicou a seleção, sem que a imprensa fosse dada a entender.

2 — **TEMPO PERDIDO NA CONCENTRACAO** — Cadeo erro que aconteceu, desde o início, foi o tempo perdido na concentração, com passeios e distrações, quando o quadro precisava trabalhar seriamente para consolidar-se. Deviamos ter procurado trabalhar, desde o início, para evitar o desajuste.

3 — **CRITÉRIO REGIONALISTA** — O retardamento das preparações de campo, sempre o ditamos, viera a destacar o critério regionalista na escolha dos valores que deveriam fazer parte da seleção. Houve uma tendência de locais em aproveitar elementos de sua região, sem que a imprensa fosse dada a entender.

4 — **MANIA DOS MEDALHES** — Nunca se viu uma seleção de futebol que se preocupasse com a vitória, e não com a conquista de medalhas.

REZUMIDAS A PO' AS MAIS LIDIMAS ESPERANÇAS — FLAVIO COSTA, SINAL DOS TEMPOS — **MAU CRITÉRIO NA CONVOCACAO** — **MANIA DOS "MEDALHES"** — **INTERFERENCIA PERNICIOSA** — **VOLUPIA DE SUPERIORIDADE** — **INCOMPETENCIA** — **ASA NEGRA, MANINGA E PE' DE COLHO** — **MAL NECESSARIO**

maior dose de energia na seleção. Além disso, houve uma grande diferença entre o Brasil e o Uruguai, porquanto os jogadores brasileiros não tinham a mesma experiência e o mesmo espírito de equipe. Não podemos esquecer o fato de que os jogadores brasileiros não tinham a mesma experiência e o mesmo espírito de equipe.

5 — **YEMOMIA**: Este é um capítulo especial da história. Flávio Costa não conseguiu que os jogadores não estivessem à altura da responsabilidade, com uma despesa pela seleção pública, e não soube aproveitar. Por causa disso, revelou completa incompetência de habilidade para comandar os jogadores, sem que a imprensa fosse dada a entender.

6 — **INDETERMINACAO DOS NOMEADOS** — Quando Flávio Costa escolheu os jogadores, não conseguiu que os jogadores não estivessem à altura da responsabilidade, com uma despesa pela seleção pública, e não soube aproveitar.

ESCREVEU ODILON C. BRAZ

Impedido de agir como treinador de futebol, Flávio Costa, ao ser nomeado para a seleção brasileira, não conseguiu que os jogadores não estivessem à altura da responsabilidade, com uma despesa pela seleção pública, e não soube aproveitar.

7 — **INCOMPETENCIA**: Cadeo erro que aconteceu, desde o início, foi o tempo perdido na concentração, com passeios e distrações, quando o quadro precisava trabalhar seriamente para consolidar-se. Deviamos ter procurado trabalhar, desde o início, para evitar o desajuste.

8 — **VOLUPIA DE SUPERIORIDADE**: Flávio Costa escolheu um mau critério na convocação dos jogadores, sem que a imprensa fosse dada a entender.

9 — **ASA NEGRA, MANINGA E PE' DE COLHO**: Este é um capítulo especial da história. Flávio Costa não conseguiu que os jogadores não estivessem à altura da responsabilidade, com uma despesa pela seleção pública, e não soube aproveitar.

10 — **MAL NECESSARIO**: Este é um capítulo especial da história. Flávio Costa não conseguiu que os jogadores não estivessem à altura da responsabilidade, com uma despesa pela seleção pública, e não soube aproveitar.

PARA DEPUTADO ESTADUAL
VOTE EM
OVIDO OSWALDO PANDOLFI
MEDICO E JORNALISTA
Com Hugo Borghi
 Cedular à rua 7 de Abril, 118. 4.º and. Conj. 402



GUARDAS DE CONFIANÇA!

Confie a um cofre FIEL a guarda dos seus haveres. Ele retribuirá amplamente a sua confiança. Construídos sob a mais apurada técnica, os cofres FIEL resistem aos mais exigentes testes de segurança.

MOVES DE AÇO FIEL, S.A.
 R. CACHOIRA, 670 - TEL. 9-3364 - 9-5545 - S. PAULO

Reportagem da revista Mundo Esportivo em 21/07/1950¹⁵.

¹⁵ BRAZ, Odilon César. *Drama, tragédia e ridículo*. Mundo Esportivo, São Paulo, 21 de julho de 1950, p. 7.

ANEXO 07

Que significação póde ter o vice-campeonato para quem pratica o melhor futebol do mundo? — Nenhuma providencia foi tomada para evitar o desastre — Flavio e o outro criterio na segunda fase — Recuo de Bauer e Danilo, recurso suicida — Duzentas e tantas mil gargantas não ficariam secas se o unico que devia compreender reparasse seu erro — Barbosa enguliu aquela bola? — Fomos os guias dos uruguaiois na vitoria — Eles tiraram o chapéu e agradeceram comovidos — Procuramos durante doze anos o tesouro que os uruguaiois acharam em quinze minutos — Flavio se esqueceu de que Friaça era centro-avante? — Tardara a desobediencia de Bauer e Danilo — Desobedecer em beneficio do Brasil, é virtude — Na decisão de um campeonato mundial, que merece um jogador que não luta? — Insuportaveis em classe, em estílo, em técnica — Facilmente superaveis em brio, coragem, arrojo, fibra e coração.

Nota da revista Mundo Esportivo em 21/07/1950¹⁷.

¹⁷ *Indiferença e turricas armas contra o Brasil*. Mundo Esportivo, São Paulo, 21 de julho de 1950, p. 9.

ANEXO 08

INFOGLOBO:

O Globo - Caderno de Esportes



O CAD. DE ESPORTES POSSUI 450.000 LEITORES 342.320 exemplares nos dias úteis 427.750 exemplares aos domingos

Perfil dos Leitores

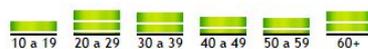
CLASSE SOCIAL

18% 56% 25% 2%



FAIXA ETÁRIA

11% 21% 19% 15% 14% 20%



SEXO

70% 30%



ESCOLARIDADE

15% 38% 46%



Fonte: Fonte Leitores: Ipsos Marplan - Gde Rio - Jul/13 a Jun/14 // Fonte Circulação: IVC Agosto/14

Fonte: Site Infoglobo¹⁸

¹⁸ Disponível em: <https://www.infoglobo.com.br/anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=60>. Acessado em 12 de setembro de 2014.

INFOGLOBO

O GLOBO



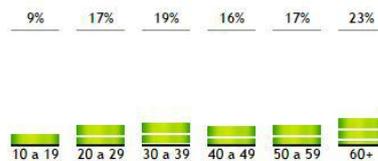
O GLOBO POSSUI 1 MM DE LEITORES
342.320 exemplares nos dias úteis 427.750
exemplares aos domingos

Perfil dos Leitores

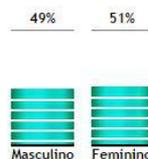
CLASSE SOCIAL



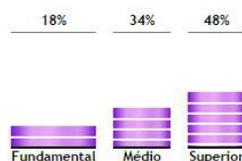
FAIXA ETÁRIA



SEXO



ESCOLARIDADE



Fonte: Fonte Leitores: Ipsos Marplan - Gde Rio - Jul/13 a Jun/14 // Fonte Circulação: IVC Agosto/14

Fonte: Site Infoglobo¹⁹

¹⁹Disponível em: <https://www.infoglobo.com.br/anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=91>. Acessado em 12 de setembro de 2014.

ANEXO 09

O GLOBO

COPA 2014

TRUCA-FIUMA 8.7.2014
oglobo.com.br

Sem Neymar, Felipe testa várias formações para enfrentar a Alemanha hoje, faz segredo, mas deve optar entre o poder de ataque de Willian e a segurança de Paulinho

Entre a ousadia e a cautela



Foto: A. MOREIRA

Por que será que o destino
Silencioso trabalha
Deixando o nosso menino
De fora dessa batalha?
Será que nas horas mortas
Tirando uma de esperto
Escreve por linhas tortas
O nosso caminho certo?

O destino é muito forte
Vive com fogo a brincar
Às vezes arrisca a sorte
Dando mole para o azar
Vai traçando e nada escuta
Não é um porto seguro
E deixa que a força bruta
Se imponha ao talento puro

O destino não é claro
E nem tem medo de escuro
No tempo do desapareço
Ofusca a luz do futuro
E aí só mesmo os profetas
Pensadores geniais
Os ancilões, os poetas
Perceberão os sinais

Eu vou zombar do destino
E confiar no meu taco
O que vier eu assino
Como dizia o Polaco (Leminski)
O destino é tudo ou nada
O que rolar eu aceito
Se a bola vier quadrada
Eu vou matá-la no peito

Por tudo isso eu destino
A Neymar este poema
Um gigante pequenino
Que não esquece o seu lema
Cumprindo bem o seu rito
Mesmo que fora de ação
O tempo todo em espírito
Joga com a seleção

MORAES MOREIRA
(Poema "Neymar e o nosso destino")

**TÉCNICO ALEMÃO TEME
'FALTAS DURAS' DO BRASIL**

PÁGINA 9

**FIFA NÃO PUNE JOELHADA
DO COLOMBIANO ZÚNIGA**

PÁGINA 7

**NA ARGENTINA, VOLANTE
NO LUGAR DE DI MARÍA**

PÁGINA 10

Capa do Caderno de Esportes do jornal O Globo em 08/072014²⁰.

²⁰ O Globo, Rio de Janeiro, 8 de julho de 2014.

ANEXO 10



QUARTA-FEIRA, 9 DE JULHO DE 2014 ANILXXX - Nº 28156 Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho RIO DE JANEIRO oglobo.com.br

COPA 2014
'MINEIRATZEN'

VERGONHA VEXAME HUMILHAÇÃO



Prostração. David Luiz desaba no gramado do Mineirão após goleada imposta pelos alemães; zagueiro, que falhou no primeiro gol dos adversários, pediu desculpas pelo desastre e disse que "só queria dar uma alegria para o povo"

Em menos de meia hora Alemanha faz 5 gols e massacra Brasil com placar final de 7 x 1; seleção sofre em casa a maior derrota da história

A seleção brasileira viveu ontem o pior vexame de seus cem anos de história. A derrota para a Alemanha por 7 a 1, no Mineirão, foi a mais humilhante desde 21 de julho de 1914, quando jogou pela primeira vez. Foi também a maior goleada sofrida por uma anfitriã em Copas, a pior derrota em uma semifinal e em qualquer fase mata-mata desde o primeiro Mundial, em 1930. O técnico Felipão surpreendeu ao escalar Bernard na vaga de Neymar, abastado por lesão na coluna, tendo treinado essa formação apenas alguns minutos na Granja Comary, sexta-feira. "Vocês da imprensa estavam todos lá e iam passar o que treinamos para os alemães", justificou ele, que assumiu a culpa e isentou os jogadores. "Eu queria confundir o técnico deles", disse. Confuso ficou o time, que levou cinco gols até os 28 minutos do primeiro tempo, quatro em um intervalo de seis minutos. Joachim Löw, treinador alemão, ficou surpreso com a facilidade: "Depois dos 2 a 0, sentimos que eles estavam perdidos, não conseguiram se organizar". Argentina e Holanda decidem hoje, no Itaquero, quem jogará a final, domingo, no Maracanã, e quem enfrentará o Brasil, pelo terceiro lugar, sábado, em Brasília. **CADEIRO ESPECIAL.** Fernando Calzavara, Renato Muricicio Prado, Arthur Navele e Verissimo

Novidade no salão dos abolicionistas **CRICO**



— Posso?

GOLEADA VIRA PIADA NAS REDES SOCIAIS E NO MUNDO TODO
CADEIRO ESPECIAL

KLOSE SUPERA RECORDE DE RONALDO
CADEIRO ESPECIAL

FESTAS SE ESPALHAM PELA ALEMANHA
CADEIRO ESPECIAL

TORCEDORES DEIXAM FAN FESTS AINDA NO PRIMEIRO TEMPO
CADEIRO ESPECIAL

XINGAMENTO A DILMA VOLTA A ECOAR
CADEIRO ESPECIAL

FITAS COMPROMETEM DIRETOR DA MATCH
PÁGINAS 8 e 9

Preço deste exemplar no Estado do Rio de Janeiro **R\$2,50**. Circula com esta edição: Segundo Caderno

Capa do jornal O Globo em 09/072014²¹.

²¹ O Globo, Rio de Janeiro, 9 de julho de 2014.